



David Lauder

PHRASES E PHANTASIAS

OBRAS DO MESMO AUCTÒR

A PHILOSOPHIA POSITIVA NO BRAZIL.—Recife, 1884.

ESTUDOS DE DIREITO E ECONOMIA POLITICA.—Recife,
1886.

TRAÇOS BIOGRAPHICOS DO DESEMBARGADOR JOSE'
MANOEL DE FREITAS.—Recife, 1888.

EPOCHAS E INDIVIDUALIDADES.—Recife, editor Quin-
tas, 1889.

LICÇÕES DE LEGISLAÇÃO COMPARADA SOBRE O DIREITO
PRIVADO.—Recife, 1893.



TRADUCÇÕES

JESUS E OS EVANGELHOS DE J. SOURY (em collabo-
ração com João Freitas e Martins Junior)—Re-
cife, 1886.

A HOSPITALIDADE NO PASSADO, DE RUDOLF VON
JHERING.—Recife, 1891.

Clovis Bevilacqua

SEMPER PARATI PRO DOMINA REVERENDISSIMA UNIVERSITATE BRASILIENSIS

PHRASES E PHANTASIAS

1. MILHEIRO.



RECIFE

Hugo & C.^a — Editores

79—Rua 15 de Novembro—79

Papelaria Americana

1894

TYPOGRAPHIA INDUSTRIAL
75—Rua 15 de Novembro—75
Pernambuco

A minha mulher

para quem foram escriptas estas
paginas e a quem somente podem ellas
interessar.



AO LEITOR



Quando publiquei, ainda preparatoriano, uma de minhas primeiras phantasias, um collega resumiu seu juizo sobre ella com as palavras de HAMLET : — WORDS, WORDS, WORDS. Achei que elle tinha razão e nunca esqueci-lhe a justeza do conceito.

São tambem PALAVRAS o que ainda hoje enfeixo neste opusculo. Nellas procurei insufflar um pouco de meu ser, mas vejo-as frias, sem vida. Com ellas pretendi tecer meu pensamento no tear dourado da arte, mas os fios se enredaram, e nada consegui.

Si, entretanto, por traz da insignificancia das phrases,

alguem poder descobrir um pensamento, esquivo, a fugir, como um fauno assustado por entre as arvores, feliz desse que não leu debalde, e feliz de mim principalmente.

Estes escriptos não pretenderam, em sua origem, a luz forte da publicidade. Desenhando, em aguadas ligeiras, estados d'alma, aspectos da vida e da natureza, esperavam não ir a lêm de um limitado circulo de intimos, curiosos complacentes que desejavam saber como o auctor bordava suas phrases em assumptos desta ordem. Nasceram, portanto, as peças deste livro com o destino modesto dessas flores gramineas que desabroçam occultas sob o balseão, e, assim, foram escriptas sem altas preocupações litterarias, por mero desfastio. Simples modo de obter um repouso mental.

Balzac descansava dos grandes romances escrevendo pequenas novellas. Eu, embora não tivesse escripto grandes obras, tinha o espirito fatigado por estudos mais graves, e quiz experimentar-lhe o modo original de refocillar, para o qual me impellia naturalmente o meu estado psychico, si bem que, na minha qualidade de meridional, prefera, quasi sempre, outro modo mais simples e de effeito mais immediato :— nada fazer.

Não me preocupavam preceitos de eschola. Em primeiro logar, porque não escrevia para o publico ; e ainda agora que consinto em ceder de minha primeira intenção, me contentaria com um decimo dos cem leitores ambicionados pelo grande Voltaire, si não fosse lembrar-me dos prejuizos do editor, corajoso e benevolo, que tomou a si o encargo de

reduzir estas minhas garatujas a paginas impressas. Em segundo logar, porque sou de meu seculo, e, como elle, vacillo entre as escholas. Esta centuria agitada qae vae proxima de seu termo armou o berço e o esquife mortuario de mais de uma eschola litteraria, e está, a esta hora talvez, assistindo os ultimos arquejos de outras. E nossas consciencias, reflectindo os cambiantes do seculo, perderam a fé inabalavel nos systemas.

Como os vidros coloridos de um pharol, que gyram em torno de um foco luminoso emprestando-lhe os seus matizes variados, as escholas passam deante do foco luminoso do sentimento, dando-lhe os varios aspectos de sua coloração. Mas a luz é sempre a mesma, scintillando sobre as ondas; e a arte

*subsiste immutavel na sua essencia, rebrilhando na escura
noite do pensamento humano.*

*De Renan disseram que foi um romantico em revolta
contra o romantismo. Si alguem lêr este meu pequeno livro,
notará, por ventura, que não tive systema no que escrevi,
talvez por julgal-os todos capazes de traduzir os anseios da
arte, uma vez que não pude achar um systema composito que
absorvesse o que de bom tinham todos, segundo meu modo de
ver, nem formas novas onde vasar pensamentos que nada ti-
nham de novo. E concluirá, naturalmente, que sou um rea-
lista saudoso do idealismo ou um idealista que gosta de pou-
sar na terra firme da realidade. Póde ser que tenha razão.*



enicio, feito seu quinto anno de medicina, resolvera passar as ferias com os seus.

Tres annos já havia gasto nesse viver inutil e descuidoso de estudante remisso, nessa desidia dissolvente de bohemio, num absoluto desprendimento das cousas que o mundo se compraz em chamar positivas, amando mais uma pagina de Strauss, Comte ou Spencer do que a pesada e indigesta sciencia dos compendios, porém, ainda assim,

preferindo, a tudo mais, despende as horas a flamar, ou com a leitura amena e facil de versos bem limados, de poemas flammejantes, de romances em bom estylo, de historia litteraria. Jamais pensára seriamente no futuro.

Educado no costume de prover ás proprias necessidades sem esforço proprio e de contentar-se com o que lhe era facultado obter, nem sequer lhe occorria ponderar que não poderia correr sempre assim a existencia, naquelle *dulce far niente* em que se lhe amollentavam as energias moraes com que devia empenhar-se no combate sem trecoas da vida, quando esta lhe pezasse inteira sobre os hombros.

As vezes, quando indagavam alguns compaheiros sobre suas pretenções em relação ao futuro, respondia negligentemente, n'um gesto de olympica indifferença, deixando evolar, do charuto apertado entre os dedos da mão direita, a fumaça branca em espiraes de aroma, e, com ella, as sombras dos cuidados impertinentes: — não sei o que irei fazer. O mundo é vasto, e bem póde um homem arrastar nelle alma e corpo, sem grandes canceiras, ao menos emquanto não tem mulher nem filhos.

E explicava, n'um traço de autobiographia, talvez não muito exacto, que não o dominavam ambições politicas nem litterarias. Redigira, é certo,

alguns ephemeros periodicos academicos, escrevera folhetins e phantasias na imprensa diaria, e por diversas vezes fizera explodir sua irritação partidaria em pamphletos um tanto biliosos, mas nunca sonhára com a gloria rutilante a envolvel-o n'uma aureola, nunca lhe intumescera o seio, nunca lhe revolucio-nára o sangue a febre do renome. Corria-lhe nas veias o sangue indolente dos aborigenes brasileiros, no qual se haviam transvasado gottas subtis da indole amorosa e contemplativa dos portuguezes. Fizera-o por esse modo a natureza ; não tinha anção nem vontade de reagir contra ella.

Voltando, nesse dia, do exame, olhou para dentro de si, em meditação silenciosa e funda. Preciso de retemperar-me na familia, dizia em mente. As ternas caricias de uma extremosa mãe que nos aperta contra o seio e nos affaga com o olhar amoroso ; o affecto desinteressado e puro de uma irmã que tem para comnosco umas solitudes macias como velludo ; os conselhos de um pae amoroso e bom ; o conchego do lar ; os serões intimos, — eis o manancial fecundo para onde a alma deve sempre volver, para o avigoramento do character pelo acrysolamento e bôa orientação dos sentimentos affectivos. A vida externa, pelo attricto do egoismo, pela bava da corrupção que ferve e ruga a nossos pés, deixa-nos,

muitas vezes, no corpo, uma salsugem que é preciso escorchar corajosamente para evitar-lhe o alastramento. E eu conheço que se vae estiolando e fenecendo dentro de mim a flor do sentimento, a mimosa flor que tem, por petalas, o amor da familia, o amor da patria e o amor da especie. O egoismo espuma e cresce como uma enchente que invade os campos. O perigo augmenta, as forças se exgotam e a vertigem é possível... Não ha duvida, rematou, preciso de retemperar-me na familia, preciso de pedir-lhe energias novas.

E partiu.

Os dez dias de viagem, do Rio de Janeiro ao Ceará, onde morava a familia de Benicio passaram-se calmos, sem incidente notavel, mal quebrada a monotonia da vida de bordo pelas paradas nos portos da escala forçada do vapor.

Quando o paquete dobrou a ponta do Mocuripe, o escaldado morro da alegria, quando as casinhas dos pescadores começaram a apparecer por entre os coqueiros e os mastros esguios das jangadas em descanso, e alvejaram, ainda longe, as paredes da cidade, e deslisaram, mais além, na azulada vastidão dos mares, as brancas velas triangulares das jangadas que voltavam d'alguma pescaria, a emoção fez-lhe pular o coração no peito, com impeto, desconcer-

taidamente. Seus olhos embebiavam-se naquella panorama com uma ternura doce de filho pequeno e como si quizessem sugar a alma que animava a natureza ali. Vieram-lhe, então, á mente e rebentaram-lhe dos labios as palavras daquelle saudosissimo hymno patriótico, pör onde José de Alencar abre a narração da lenda melancholica da meiga e infeliz Iracema: « Verdes mares bravios de minha terra natal onde canta a jandaia nas frondes da carnahuba: Verdes mares que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros... »

Poucos dias se demorara na capital cearense, partindo logo para o interior, com destino a Viçosa, amena e pobre cidadezinha, aninhada n'uma quebrada da Ibiapaba.

Agora estava ali, a chegar em casa. Muito cedo sahira do pouso para alcançal-a nesse dia. A propria sofreguidão, porém, fizera-o transviar-se do verdadeiro caminho. Perdêra, assim, muitas horas, exposto ao vergastar inexoravel de horrida soalheira, por veredas escusas, inextricaveis, atravez de barrancos e lagedos, marchando á tôa por vastos ermos intransitados, abertos ao sol e silenciosos. Finalmente, extenuado de fadiga e calor, enzontrara

o caminho e tomara pouso n'uma vivenda rustica e pobre, a primeira que lhe surgira aos olhos, á margem da estrada. Era uma casa de taipa, coberta de telhas esbranquiçadas, não muito vasta, e aberta em alpendre na frente e por um dos lados. Pendiam da paredé externa sellas e arreios ; e, á sombra de um carro primitivo de pesadas rodas massiças, dormitavam mansos borregos, enquanto o vaqueiro, sentado no batente da porta de entrada, falava da ultima vaquejada que se fizera na fazenda.

A's quatro horas, quando a obliquidade dos raios solares permite aos viajantes das regiões tropicaes affrontarem-lhes as iras, montara novamente.

— Patrão, V. S. vae tomar agua a valer, observa-lhe seu rustico hospedeiro, segurando-lhe o estribo, para estabelecer o equilibrio na occasião da montagem.

— Obrigado pelo serviço, e, quanto a observação, digo-lhe que, em viagem por estes sertões abraçados, prefiro a chuva ao sol, respondera ao tempo em que accendia o charuto. Apertara pela ultima vez a callosa mão do sertanejo, fizera sorrindo, um ligeiro cumprimento á filha que, vergonhosa mas galante, o olhava pela fresta da janella entreaberta, com seus grandes olhos negros, ingenuos e bons, e, estimulando com os acicates a cavalgadura, inter-

nara-se na matta proxima, por onde serpeavam as curvas irregulares do caminho.

Pouco depois, uma sadia bafagem de vento fresco, que passava farfalhando alegre no carnaubal onde surdira ao transpor a matta, veio despertalo de suas cogitações. Alongara a vista pela campina que ia atravessando, uma extensa planicie coberta de grama, de uma côr esmaecida, entre verde e amarella, desdobrando sua calvicie n'uma extensão enorme, até perder-se, ao longe, n'um debrum da selva requeimada pelos ardores de um prolongado estio. Quebravam a monotonia da extensa planura algumas moitas esparsas a esmo, como ilhas perdidas em vasto pelago, as carnaubeiras esguias, erectas, com seus baretos de folhas verdes na cabeça, similhando a grande alfineites fincados em vasta almofada, e as escavações que no solo fizeram as aguas pluviaes; pondo rugas e manchas vermelhas ou escuras na toalha amarellenta da campina.

Pulavam contentes os *cupidos*, desferindo seu canto harmonioso, de notas agudas, *crystallinas*, penetrantes, de uma sonoridade de flauta, que nos cahem dentro d'alma, *gotta a gotta*, n'uma sensação dulcissima. Os louros *canarios*, os *cardeaes*, com seus *bonets* rubros, sanguineos, as *patativas*, revoavam em bandos garrulos; os *potros* bravos, em nervosas es-

caramuças, saracoteavam pelo prado, fazendo corcovas elegantes, n'um dispendio luxuoso de forças, e, depois, retouçavam-se suarentos na relva macia e fresca; mansos bois ruminavam impassíveis, silenciosos, a cabeça erguida, o olhar vago; á distancia, cortando uma reintrância da varzea, passavam, desprezendo suas gargalhadas sonoras, em escala chromatica, as *saviemas* cinereas; e do adyto da floresta vinha o canto metalico e estridente da araponga, semelhante ao martelar compassado do ferreiro sobre a bigorna.

E o vento começara a refrescar amiudando as lufadas, um vento de inverno, fresco, anódino, tônico, varrendo o campo e annunciando a chegada da boa estação, derramando ondas de vida em toda a natureza fatigada, quasi exausta por seis mezes de secca. Nuvens plumbeas, muito pezadas, subiam pelo espaço, envolvendo o sol em cerrada caligem, quebrando as linhas puras do horisonte longinquo.

Sentia-se palpitar de jubilo a natureza, n'um transbordamento de vida que volta, de energias que se readquirem, de seiva, de forças productoras.

E a vivida alegria que reçumava de toda a natureza em torno se communicara ao estudante que bebia, a longos haustos, aquelle ar oxygenado e puro. Sentia-se envolvido naquelles poderosos estos

de vida que se derramavam pelos patrios sertões ; parecia-lhe ter, naquelle momento, consciencia da unidaçe da natureza, cuja vida palpitava isochroma com o pulsar de seu sangue.

Depois ia subindo a serra no alto da qual estava o termo de sua jornada, por uma ladeira que trepava o flanco da montanha em curvas serpentinadas, acariando valles que se talhavam a prumo, profundissimos. Sem saber, ao certo, porque, dava-lhe um sentimento de orgulho e de victoria, olhar, de cima, os cabeços dos primeiros montes a cujo lado passara, e que se lhe afiguravam tam altos, quando elle estava apenas no sopé ! E como era bello extender a vista, numa contemplação radiosa, pelo vasto plaino do sertão que acabava de atravessar e que, então, se espraiava, lá muito embaixo e ao longe, n'um desmaiado azul alvacentos !

Aproximava-se. Ia entrar na cidade. Dê envolta com o perfume das trepadeiras floridas, de balsamicas plantas agrestes, vinham-lhe uns ruidos surdos que não eram o solemne rumorejar da matta, mas uma onda de sons confusos, trazendo, de mistura com as notas graves que o vento cantava nas gargantas da serra, um borborinho de agglomeração humana, vozes destacadas, murmúrio de trabalho distante.

E Benicio tinha extremecimentos jubilosos, sorrisos involuntarios, espontaneos, inconscientes. Vinham-lhe á lembrança a mãe, o pae, os irmãos pequeninos, de cabellos louros, muitos vivos, e muito traquinas quando elle os deixara, havia tres annos.

De repente, ao galgar uma elevação, descobriu as casas da cidade, sua egreja de uma só torre, o cemiterio, os sitios e os engenhos. Parou um momento, para saborear o seu prazer como se faz aos licores finos, bebendo-o vagarosamente, aos goles, voluptuosamente.

Depois entrou na primeira fileira de casas, rissonho, satisfeito, inspeccionando-as com a vista, como a velhos amigos que não via desde muito e que agora achava mais velhos, mais abatidos, porém sempre bondosos, sempre amigos.

II

Estava morando o commendador Estevam de Mello a poucas centenas de metros da cidade, em um ameno e pittoresco sitio. A casa de vivenda, baixa, esparralhada, mal se destacava no meio de um laranjal frondente, onde, por entre as folhas lancadas e concavas, de um verde escuro baço, surgiam fructos dourados como cabecinhas louras de meninos travessos.

Benicio, desde que chegára, tomára o costume de dar uma séca em casa do commendador, com quem fizera facilmente conhecimento. O commendador viera, por conselho dos medicos da capital, passar uma temporada n'aquelle ameno clima, do qual esperava a restauração das forças depauperadas de seu organismo cambalido por excessos de trabalho. A principio reluctara em abandonar a lide que a si mesmo se impozera, aferrado ao trabalho e receioso por não poder dar aos seus o necessario conforto, si fosse repousar, antes de ter anuado nas arcas um certo numero de apolices e de acções de companhias solidas. Mas a mulher e a filha, justamente as pessôas para quem se afadigava, cujo amor lhe dava os estímulos que o faziam batalhar heroicamente pela fortuna, pelo accrescimento do capital, se mostravam enfraquecidas, adoentadas. Então cessaram as hesitações.

— E se vae dando bem? interrogara Benicio, depois de ouvir-lhe a narração do que acaba de ser dicto.

— Perfeitamente, e, além disso, quando o frio da serra augmentar com o inverno, descerei para o sertão onde até possuo uma fazenda que não veja desde muito. O leite, o clima, a bôa carne hão de nos restituir completamente a saúde e a força.

— D. Angelina é que se ha de aborrecer nesta vida do matto...

— E' verdade, confirmara o commendador, apezar de que trouxe ahi uma verdadeira bibliotheca de romances que anda sempre a lêr, mas que antes a entristecem, me parece, do que a distraem.

Esflorou, então, os finos labios da moça um sorriso meigo, porém que parecia vir envolto no tenue véo da doce melancholia que lhe transparecia do rosto moreno e pallido. E protestou que não tinha saudades da capital, que estando com ella o papae e a mamãe nada lhe faltava, estava ahi seu mundo; que, além disso, gostava tambem do campo, da placidez da vida rustica. E o doutor? disse ella, interpellando Benicio.

— Eu amo o retiro do campo, onde a vida desliza calma e tranquilla no seio da familia e onde o organismo recobra os alentos perdidos; mas não por muito tempo, porque a monotonia fatiga tambem; a estagnação corrompe facilmente as aguas pouco profundas e conturba os espiritos pouco robustos.

A' proporção que o estudante ia respondendo, ia examinando sua interlocutora com attenção maior do que o fizera até então. Não se póde dizer que fosse bella nem mesmo bonita. Comtudo não era feia. Sympathica sim, é que era e muito. De seu

moreno semblante docemente pallido ; de seus profundos olhos negros, uns olhos de Magdalena, a coarem por entre os longos cilios uma luz suave, insinuante, cheia de affagos e promessas ; de seus cumpridos cabellos pretos, a cahirem-lhe pelas espaduas em largas ondulações ; de seu todo franzino e doentio, desprendia-se um como aroma, mixto de ternura, caricia, fragilidade, soffrimento, resignação, que infiltrava-se na alma de quem a contemplava, accordando-lhe as sympathias, attrahindo, avassalando.

Atravez dos olhos hnmidos, aveludados, leu-lhe Benicio o estado do espirito e do coração, ou, ao menos, julgou ler. Pareceu-lhe que, sob aquelle corpo delicado, se abrigava uma alma impetuosa, um coração capaz de grandes affectos, e que anejava por expandir-se, por derramar a seiva accumulada, sobre outro coração que se puzesse em contacto com elle. As almas dos dous jovens como que se collocaram uma em frente a outra, em attitude de sympathico exame reciproco. E Benicio extremeceu a esse exame.

Uma esquisita idicsyncasia de seu temperamento que a educação desenvolvera em vez de contrariar...

Tinha um receio vago, intangivel, mas irresis-

tível de se deixar envolver nas malhas do amor ao feminino, e, ao mesmo tempo, abalava-lhe o organismo a necessidade de amar, mas de amar com transbordamentos de idealizações, em um culto sacrosanto de que elle fosse o sacerdote ungido e crente. Eram duas correntes contrarias que impulsavam-lhe o ser, atormentando-o, povoando-lhe a imaginação de profundas duvidas insolúveis, de temores irritantes pelo futuro, de hesitações constantes. Accresce que era de indole timorata e delicada, incapaz de ousadias que podessem melindrar qualquer extranho e principalmente as pessôas a quem dedicasse affecto.

No collegio, vira rapazes de doze annos que falavam de namoradas, collegiaes como elles, como elles imbeis; na *republica*, os companheiros relatavam todos suas *conquistas*, umas romanescas, triviaes outras, e comicas ainda outras. Mas elle não tivera uma namorada em pequeno, e falleceram-lhe *conquistas* em rapaz. Quando, em palestra intima e despreoccupada nos serões da *republica*, versava a conversação sobre casamento, constituição de familia, sonhos em que se apraziam os rapazes, Benício afastava de si, categoricamente, a possibilidade de consorciar-se. O casamento é muito bom, dizia, mas... para os outros.

Era uma repulsa instinctiva e um medo inex-

plicavel e confuso que subiam das camadas mais profundas e mais obscuras de seu ser.

Por isso extremecera naquelle momento, ao sentir agitar-se-lhe a alma num movimento desusado, e ao suspeitar que Angelina o não olhava como a um indifferente.

Nesse dia, ao ler a noite, deitado em sua rede macia, de varandas largas, á espera do somno, como era seu costume, esteve distrahido, folheando as paginas a esmo. Hesitara na escolha do livro, sentindo uma inquietação surda e mal definida, abrira varios volumes sem os ver siquer, e, afinal, se alongara na rede, com a *Divina comedia*, repassando esses versos, de uma serena e grave melancholia, do episodio de Francesca de Rimini, voltando em seguida á grandiosa introdução do poema dantesco, de phrases rolantes e profundas, como os vagalhões do oceano. Mas, por associações extranhas de idéas, as assonancias do rythmo accordaram-lhe pensamentos adormecidos, atravez dos quaes voltava ás scenas do dia, vendo mui distinctamente a imagem de Angelina, com seus olhos pretos e seu vestido branco, o sorriso que o impressionara e a voz que o encantara ; o commendador a contar historias alegres de seu tempo de moço ; e D. Maria, sua mulher, muito agasalhada em sua capa de lã, sem falar

quasi, sorrindo tristemente como uma alma sã, prestes a desprender o ultimo alento. Depois abandonava-se ás sondagens de seu espirito, tentava descortinar o futuro, e, como a imaginação fatigava-se de bater azas no vacuo, recomeçava a leitura para novamente interrompel-a, dentro em pouco.

Ao apagar a luz, falou em voz alta, como si alguém o pudesse ouvir: — que pieguice agora a minha!... Não voltarei lá, e... acabou-se.

No outro dia ja pensava de modo diverso. Não ir mais lá, seria romper indelicadamente, estupidamente mesmo, com o commendador, a quem só devia attentões. Ser menos assiduo, afastar-se pouco a pouco, numa retirada desaperecebida e habil, que se completaria naturalmente com o termo de suas ferias ou com a ida do commendador para o sertão onde tencionava passar o inverno, visto como a serra, magnifica estação para veraneiar, tornava-se habitação perigosa para organizações debilitadas, desde que viessem as chuvas, os nevoeiros humidos, a invernica, a friagem.

Ao terceiro dia: E' verdadeiramente de uma tolice inexcedivel este meu proceder. Quem me diz que realmente essa moça me ama ou se inclina para isso? Não estou me revelando um visionario singularmente pretencioso? Demais que me importa a

mim tendo isso, e porque me hei de estar enovelando nesta meada tecida por meu próprio espirito, pobre espirito timorato que tantos ventos contrários varrem e agitam? Num gesto de enfado sacodia para longe essas preocupações amofinadoras, e levantava-se forte, insensível, estoico, superior. Seguindo o caminho da casa do commendador, como que ainda lhe envolvia o corpo uma invulnerável cotta de malhas.

Esteve frio, apenas polido com Angelina, mas paroleou muito sobre cousas frívolas, contou anedotas chistosas, acompanhou o commendador nas criticas finas que eram sua especialidade, o chiste da boa palestra do velho capitalista.

Angelina conservou-se calada, a ouvir, olhos profundos, physionomia triste.

— V. Exc. está indisposta, sente-se mal?

È vieram as explicações suscitar um longuissimo colloquio em que os dois se prenderam até a hora do chá.

Desse dia em diante voltou a ser, como d'antes, seu passeio obrigado de todos os dias, o ameno sitio onde habitava a familia de Angelina. A's noites, ou fizesse escuro ou se espojasse o luar sobre as arvores e sobre os telhados em sua placidez somnolenta, lá deixava-se ficar.

Por aquellas paragens quasi não se conhece o piano, mas os serões se enchiam com as dolentes modinhas brasileiras, acompanhadas pelo violão de voz abafada e soturna, ou com os jogos de prendas, e, principalmente, com palestras ao ar livre, no terreiro em frente á casa, nos dias de luar.

Mas ia-se acabando o prazo das férias. Benício tractou de fazer as suas despedidas, offerecendo seus serviços no Rio de Janeiro, aos aldeões agradecidos que o colmavam de mimos do todo o genero, naquelles ultimos dias. A ultima despedida foi a do commendador Mello, em cuja casa entrou constrangido, oppresso, como si fosse praticar algum acto de importancia decisiva sobre a determinação de seu futuro, como si fosse jogar uma cartada temeraria de que dependesse o seu destino. No entanto ia apenas cumprir, pela centessima vez naquella semana, uma regra banal da civilidade vulgar.

— Vá, homem, e forme-se logo, disse o capitalista batendo-lhe amigavelmente no hombro, ao entregar-lhe o chapéo. Nós precisamos de você lá na capital, que aquelles seus collegas que por lá andam... e suspendem a phrase numa reticencia ironica... mas são como todos, concluiu depois. Não acreditava na medicina mais do que na loteria. Os felizes tiram os bons premios, aos outros, ao

grande numero, á quasi totalidade, ficam os bilhetes brancos. E elle era dos que só tiravam bilhetes brancos na loteria medica. A filha mais velha, a Marocas, tam bonita, tam amiga dos seus e tam cheia de vida, lá se fora... Com a molestia da mulher não haviam atinado, e ella ali estava definhando a olhos vistos, coitada. E abatia-se num desconsolado gesto convencido e resignado. Mas essas crises de mau humor e melancholia passavam rapidas sobre a alma viril do commendador. Reergueu a cabeça, risonho já, e empurrando levemente o hospede, como para permittir-lhe sahir, aconselhava: mas não desanime, vá, estude, faça-se forte que eu guardo meus achaques para esse tempo.

D. Maria dissera-lhe com voz debil algumas palavras amaveis, sempre agasalhada em seu chale de cachemira. Angelina viera até á porta. — Adeus, dissera, até... e seu olhar traduzia uma intorrogação, parecendo desfarçar uma supplica.

— Não sei... não posso dizer ao certo; mas nos veremos ainda em breve, segundo espero, respondeu sahindo.

Dias depois, fazia um esplendido luar fresco e bom, lavando a vasta superficie do mar, levemente encrespada pelo brando sopro da viração. A prôa cortante do vapor, que rasgava o seio do oceano

imperturbavelmente, como um escalpello afiado rasga os tecidos frios de um cadaver, parecia ir rompendo com esforço aquella gaze de luz, e o tombadilho sem toldo, como uma cabeça de cetaceo descoberta, ao relento, embebia-se todo na suavidade meiga, voluptuosa, penetrante, que se escoava da claridade doce e palpitante daquela noite serena.

Benicio contava seu romance das ferias, a um collega de quem acabava de ouvir confidencias simillhantes. Deixara-se arrastar pela necessidade de abrir uma valvula ao sentimento que lhe fermentava n'alma e cujo exame ainda não ousára fazer.

— Estás apaixonado então? inqueriu o collega, o Alvaro, um maranhense de physionomia alegre, bigode louro, olhar penetrante e intelligente, rebrilhando n'um rosto redondo e sadio.

— Não... pode ser... mas o que é certo é que tenho um medo serio de apaixonar-me. Si me perguntares porque, não te saberei dizer. Talvez um exagerado terror do desconhecido, receio de illudir-me, de ser illudido, de não encontrar na mulher o que procuro, — o desinteresse, a abnegação, a confiança, e um sentimento energico, inquebrantavel, resistente á acção do tempo e á acção dos revezes...

— Mas, filho, onde queres chegar? Toma

cautela para que o teu romantismo não te vá levar para fóra do mundo em que vivemos, grosseiro mundo onde se não conhecem esses requintes que teu espirito transviado busca. Cada um de nós, porém, deve imaginar que os encontrou. E' quanto basta.

— Será romantismo, porém está por tal forma entranhado em meu ser, que já faz parte delle.

— Romantismo ingenuo. Podias te chamar Candido; era mais apropriado. Queres comprehender o amor humano, queres ter uma intuição real da vida? Relê teus livros de physiologia. Mas que creancice! Procura viver e amar como os outros; não procures com afflicções imaginarias travar o goso da existencia.

Ficaram silenciosos por algum tempo. Mas Alvaro, enterrando bem na cabeça o gorro de seda preta, quebrou a tristeza d'aquelle silencio. Olhou para o salão de ré pela meia-laranja aberta, por onde subia uma onda de ar quente e pesado, e disse: vamos aperuar aquelle solo.

E desceram.

III

Dez horas da noite. Em casa do commendador Estevam de Mello, na Fortaleza, ceiaava-se va-

garosamente e em silencio, como quem procura disfarçar um constrangimento, como quem recalca na mente um assumpto importuno que lhe está pertinazmente a remontar á tona.

No Ceará, as refeições servem-se communmente em uma varanda espaçosa e aberta, repouso sobre columnas ou arcadas e francamente exposta ao ar que não encontra impecilhos para lavar continuamente aquelle compartimento perfeitamente adequado aos rigores de um clima secco e ardente. Mas, no inverno, attendendo á pouca saúde da mulher e da filha, o commendador accetara que o refeitório fosse recolhido a um salão mais internado para o centro da habitação, porém contiguo á varanda.

Fóra a noite andava friorenta naquelle mez de Abril, e si não fosse o vento que esfusiava pelo telhado e fazia rufar, nas vidraças das janellas do oitão, grossas gottas de chuva, numa intermittencia irregular, poder-se-ia dizer tambem calada, pois não se ouvia, nas calçadas d'aquelle extremo da cidade, estalarem saltos de botas de transeuntes retardatarios, nem outros signaes de movimento, de vida. Apenas, de longe em longe e em distancia, soavam pancadas metalicas em cadencia regular, de ferraduras sobre lages e rangiam as rodas dos *bonds* sobre os

trilhos em alguma curva. Recolhia-se a cidade para o somno, émbalada pelo ruido alviçareiro da chuva e pelo rouco estrugir das ondas na praia proxima.

De subito, umà janélla extérna, cédendo ao vento que sobre ella forcejava, deu um leve estalido e logo abriu-se com estrepito, mostrando, atravez do rasgão que ella abria na parède, a escuridão em que negrejava o espaço. A ventania precipitou-se, num pulo, pela brecha que abrira naquelle tepido reducto de conforto, em rajadas humidas, sem respeito, enfurecidamente, atirando para dentro da sala borrifos de chuva, braçadas de constipações e pneumonias.

— Oh! demonio! Fecha essa maldicta janella, esbravejou colerico o commendador, sentindo salpicos de chuva na calva reluzente que elle resguardava com o guardanapo. A chuva no Ceará é uma bella cousa, mais isto assim é o demonio.

— Sancto Deus! Não sei como não morri de susto, fez Angelina com voz debil e um tanto tremula pela commoção.

— D. Maria tivera apenas um gemido fraco, apertando, assustada, a cabeça entre as mãos, enquanto uma creada lhe atirava por cima o chale de

cachemira, que repousava, então, no respaldo de uma cadeira visinha.

Um creado fechara a janella, restabelecendo o conforto da sala, mas o incidente, interrompendo o silencio, viera atear uma conversa que, por transições naturaes, espontaneas e inconscientes, correu esflorando os assumptos mais desencontrados, até que, afinal, o commendador, olhando para o relógio suspenso na parede fronteira, que na sua impassibilidade de machina arrastava os ponteiros para além das onze horas, disse: oh! já é tarde! E, voltando-se para Angelina: é amanhã que tenho de dar resposta ao Motta. Considera bem, no passo que vaes dar...

— Ora! fez ella com um mal disfarçado aborrecimento, eu já disse que não queria.

— Mas porque, minha filha? E' preciso que tenhas uma razão. Eu não te quero para freira, e creio que tambem não sentes muita inclinação pela vida monastica. Ficas calada? Pois olha, não lhe vejo defeitos, não é desarranjado, teve sua instrução, não é de suciatas, emfim é um moço que promette ser um bom marido. Eu posso ajudal-o, graças a Deus, e elle com a disposição que tem ha de necessariamente fazer carreira.

Ella não respondia, em silencio, muito rubori-

sada, as faces ardendo, sentindo uns estremecimentos nervosos e uma vontade enorme de chorar. Mas ficava immovel, os olhos fitos na toalha branca da mesa, sobre a qual quebrava, em pedaços pequenissimos, os palitos que ia tirando do paliteiro.

— Já não é o primeiro que recusas, insistia o pae. Eu e tua mãe estamos velhos, de mais a mais doentes, não poderemos viver muito. Tu és só, não tens irmão nem parentes proximos...

— Não fale assim. Você e mamãe hão de viver muito...

— Mas, menina, atalkou D. Maria, tu has de emfim vir a casar.

— Porém si eu não gosto *delle*...

— Não é uma razão, retorquiui o pae; quando eu me casei com tua mãe, mal a conhecia de vista, e nem por isso deixamos de ser muito amigos, de viver felizes, mais felizes talvez do que si as cousas se passassem por outro modo. Porém eu não desejo contrariar-te. Quero somente que comprehendas a gravidade deste assumpto, e que deves pensar nelle seriamente para não te decidires á tãa.

E levantou-se, mal humorado.

Angelina recolheu-se aos seus aposentos, fechou a porta do quarto, desfez o penteado, e começou a despir-se lentamente, enquanto procurava coorde-

nar as idéas que se lhe agitavam na mente, fugaces, confusas, em torvelinho. Depois, mettida na cama, envolta na frescura de seus lençoes de linho muito alvos e trescalantes, com a cabecinha de rola mergulhada na flaccidez acariciadora de uns travesseiros de carauatá, vestidos em fronhas rendadas, cerrou brandamente as palpebras e deixou que a phantasia deslissasse pelo oceano ondeante dos sonhos.

Era muito infeliz, pensava. Porque não a deixavam tranquilla? Não eram todos de uma impertinencia sem nome? Bastava o que já soffria... E, nisto, um tremor convulso agitou-lhe o corpo, com arrepios de frio. A frescura do linho incommodava, as roupas não davam o calor que o organismo exigia.

Levantou-se, tiritando, apanhou uma colcha grossa de algodão e de novo metteu-se na cama, conchegando-se, encolhendo-se para encontrar calor. Não tardou muito que viesse, e adquirindo, em pouco, uma intensidade que lhe afogueava as faces, reseccando-lhe os labios. Porém a calentura ainda pouco elevada da febre derramou-lhe pelo organismo um certo bem estar e lhe veio aguilhoar a imaginação.

Pensou naturalmente no casamento que lhe impunham, não á força, não por uma coacção ostensiva, mas por um assedio tenaz de raciocinios que

ella não sabia destruir, e de desejos que lhe pesava contrariar. Sua intelligencia sossobrava naquelle pelago sem fundo, mas o sentimento se não deixava arrastar para o aniquilamento, sem extremecimentos e sem protestos. Vieram-lhe á lembrança os primeiros dias em que vira Benicio, suas conversas, seus passeios pelo campo, suas esperanças, seus sonhos, prazeres tam doces e tam castos. Mas tudo isso se fôra e sómente ficara a desesperança, o desalento. Uma tarde, lembrava-se ainda, passeavam de braço dado, ao longo da estrada, e foram ter a uma pobre choupana poeticamente anichada por entre uma toíça de palmeiras umbrosas. Os meninos brincavam no terreiro, nús e rajados pelas adherencias do pó, a mulher suspendia o mais pequenino ao seio, e o marido, recostado a um grosso tronco derreado, fumava patriarchalmente o seu cachimbo de barro, a ouvir attento a mulher que lhe narrava uma historia qualquer, olhando-a amorosamente, enquanto ella falava e sorria, mettida num vestido de chita encarnada, o collo desnudado para a amentação, os braços grossos e roliços, sem mangas que os cobrissem. Estiveram ali contemplando aquelle quadro digno de Rubens. — Parecem tam felizes e tam pouco têm, observara Benicio e ficara a meditar. Depois, com um olhar ternissimo, po-

rém tam dolente que fazia mal, voltara-se para ella. Ia certamente dizer alguma cousa, seus labios já se moviam mesmo, porém os outros companheiros de passeio chegaram e elle ficara silencioso. A tarde ia morrendo triste, dessa tristeza profunda e communicativa dos crepusculos do verão. Voltaram. A tristeza do céu diluira-se numa aguada de tinta escura, a conversa se generalisara, e tudo se desfizera do que dera um tom especial áquella tarde; mas ella não a esqueceria jamais, assim como não esqueceria a expressão d'aquelle olhar tam eloquente em sua mudez. E elle ?

Pois não voltara formado, frio, indifferente, sem achar uma palavra melhor para dirigir-lhe, do que o banal cumprimento que se faz a qualquer conhecido. E ella que o recebera a transbordar de jubilo, que um anno inteiro levava a sonhal-o bom, terno, carinhoso, apaixonado.

E veio-lhe uma vontade enorme de chorar, de maldizer-se em voz alta, de maltractar alguém com requintes de crueza, perversamente, para rir-se depois. A dor profunda que a esmagava transformou-se em uma revolta que lhe agitava o organismo, dando-lhe uns impetos de lucta, uns ardores marciaes.

Assim continuou até que o somno poz remate

aquella agitação febril ; mas, já sob o imperio do orgasmo entorpecedor do somno, passou-lhe, por entre as nevoas da mente sossobrante, a imagem fugitiva do outro, do Motta, com seu ar satisfeito de quem não conhece contrariedades, e sorrindo como si lhe agradecesse alguma cousa.

No dia seguinte, febricitante ainda, com dores pelo corpo, não quiz levantar-se da cama. O pae veio vel-a antes de sahir para o escriptorio, indagou solícito sobre o que sentia ; ella o convenceu de que era uma simples constipação, apanhada com o abrir subito da janella na noite anterior, cousa sem importancia.

— Ha de me encontrar de pé, quando voltar á tarde, para o jantar.

Elle ergueu-se, tirou o relógio da algibeira, viu que eram nove horas, deu-lhe a mão a beijar e ia para retirar-se, quando voltou-se como si lhe occorresse naquelle instante uma lembrança :

— Que devo então dizer ao Motta ?

— Que sim, respondeu ella, em voz sumida, porém grave, as faces levemente purpureadas, sem fitar o pae.

— Então digo-lhe que o acceitas, não é assim ?

Ella acenou com a cabeça, affirmando, e teve um sorriso como para serenar o pae que via um

tanto surpreso. O commendador não esperava realmente aquella resposta, tam de prompto, e vinha mesmo propôr um adiamento, porque não era tam-
bem aquelle um negocio que não soffresse dilação. O imprevisto daquella nova orientação do espirito da filha deu-lhe uma incontestavel alegria, porque achava o casamento com o Motta muito vantajoso; mas, um quer que fosse aguava-lhe um tanto a alegria. Talvez porque achava-se adoentada a filha, que tanto idolatrava; talvez porque desejasse que o *sim* fosse dado em outro logar que não em um quarto de enfermo. Pode ser tambem que já fossem saudades temporãs trazidas pela lembrança de que o casamento da filha havia de afastal-a de si.

O sorriso de Angelina, porém, reanimou-o. Sorriu tambem e sahiu.

IV

Passaram-se dias. A molestia de Angelina, sem aggravar-se, não cedia, minando-lhe, funda, dissimuladamente as fontes da vida. Viera o medico da casa, o Dr. Mendes, e nada descobrira de assustador, receitando-lhe umas poções que não reagiam efficazmente sobre o organismo debilitado. Mas, certo dia, a fraqueza se accentuara perturbadoramente, e Angelina se conservara no leito sem

appetencia para qualquer alimento, muito pallida, prostrada, num silencio obstinado, como se lhe magoasse responder ás perguntas que lhe dirigiam.

D. Maria sobresaltara-se logo e exigira outro medico. Só então a doente pareceu despertar para protestar que não valia a pena chamar outro facultativo, que era cousa passageira o que sentia, que já estava acostumada com aquillo.

— Não importa ; irei sempre, dissera o commendador e pozera o chapéo na cabeça. Não lhes tenho muita fé, accrescentara para si, mas sempre conforta a presença de um delles, e a consciencia fica mais descarregada.

Lembrou-se de chamar o Benicio. Era um medico novo é certo, mas o commendador não era misonista, não tinha horror ao novo, como a maioria dos velhos. Além disso Benicio passava por habil, escrupuloso e applicado, era seu conhecido e captara-lhe mesmo a sympathia.

Ao dobrar uma esquina passou-lhe pela frente Benicio, a cavallo, em marcha pouco apressada. Já andava na clinica áquella hora, oito da manhã.

— Olá doutor ! Em bôa hora o encontro. Vinha mesmo a sua procura.

— De que se tracta ? interroga o medico, sof-

freando o ginete e estendendo a mão ao commendador que se aproximára.

— Quero pedir-lhe o obsequio de vir até nossa casa ver uma doente, a Angelina. Uma molestia insidiosa e pertinaz. O Mendes é nosso amigo, tem muita experiencia, mas eu desejo ouvir a opinião de outro medico. Pode vir commigo?

— Já?

— Sim; quanto antes melhor.

O medico apeou-se e foi puxando a alimaria, ao lado do commendador, a fazer indagações em relação á doente. Cem passos adiante era a casa do commendador Mello.

A porta do quarto estava fechada. Bateram de leve. Abriram. Um silencio morno pesava sobre as physionomias, mal distinctas na penumbra. Duas senhoras edoças, sentadas a distancia, olhando a enferma com um ar de bonhomia picada por uma leve poncta de tristeza. Eram parentas pobres que vinham fazer companhia e auxiliar a dona da casa nas cancelas dos arranjos domesticos. D. Maria, com os olhos injectados pelo esforço do pranto, que ainda os rorejava de lagrimas que ella procurava esconder, estava sentada juncto á cama, numa cadeira baixa, enchugando as gottas de suor que lhe porejavam frias pela fronte. Uma negra sustentava

na mão esquerda um castiçal de prata com vela accesa, porque estava escuro o quarto com as janelas todas fechadas.

Benicio sentiu então uma tristeza forte premir-lhe o peito; e as mãos se lhe resfriaram, invadindo-lhe uma apprehensão, em vibrações emocionaes de uma violencia que lhe era desconhecida.

— Entre doutor, disseram. Entrou um tanto desconcertado. Sentia-se mal.

Olhou para o leito da enferma, e acercou-se d'elle, sentando-se numa cadeira que lhe offereceram. Ali estava, entre lençoes alvissimos, pallida, macilenta, as orbitas arrôxeadas, cômbalida, soffredora, a mulher que elle amara, que amava ainda sentia-o naquelle momento, pela emoção que o dominava, que lhe toldava a lucidez do espirito e lhe dava movimentos bruscos e inconscientes! E si já estivesse tam adeantada a molestia que para ella não tivesse mais recursos decisivos a medicina? Assomou-lhe ao espirito essa interrogação de duvida cruciante, e elle conheceu, pela primeira vez, quanto é doloroso para o medico ver cahidas a seu lado as pessoas mais caras, sem que elle as possa erguer, e tendo a consciencia, lucidamente pungitiva, de sua impotencia. A emoção assoberbava, afogava a intelligencia e a coragem de Benicio, e elle sentia-se

pusillanime, fraco deante do perigo que suspeitava apenas, anniquilado. Vinham-lhe até impetos de retroceder, arrependido de ter vindo.

Vir para que ?

Mas accordou-se-lhe uma reacção salutar de energias recalçadas que resurgem á tona da consciencia. Porque estaria agora ali como um palerma, com os olhos pregados no leito de Angelina, calado, sem uma idéa aproveitavel, emquanto, em torno, todos os olhos convergiam para elle, numa interrogação supplice, esperando a sentença que lhe dictasse a sciencia ?

Estevam de Mello auxiliou-o, então, a sahir daquella abstracção pasmada que, aliás, passára como um fugaz meteoro, falando-lhe em voz baixa.

— Não sei o que ella tem... Veja o doutor, tam pallidasinha, não quer alimentar-se, num fastio excessivo... Desde algum tempo que anda tristonha, mais adoentada, abandonando o piano e os livros mais favoritos, porém hoje amanheceu numa prostração que nos deu cuidados.

Nisto a moça, que até então parecia completamente alheia ao que se passava, descerra as palpebras, muito lentamente, a custo, quasi com dor, como si as tivesse de chumbo, tal era a atonia que lhe relaxava os membros, ou a lassidão, o desencoraja-

mento moral que lhe entorpecia a vontade. Ao ver o medico, abriu muito os olhos, encarando-o, e nelles viu-se fuzilar, rapido, um lampejo vivo, rutilo, faiscante. Latejaram-lhe fortemente as temporas, e ella, tremula, palpitante, levou a mão ao seio como para impedir um ligeiro accesso de tosse que, entretanto, veio, pondo-lhe umas sombras de carmim nas maçãs do rosto.

Benicio, recobrado o animo, tomou-lhe a temperatura, passou-lhe a mão pelos olhos, brandamente, caricioso, olhando a côr das conjunctivas, sondando, investigando a força invasora do mal, as energias de resistencia que era possível accordar no organismo, numa contensão de espirito que se trahia pela fixidez do olhar, a morosidade dos movimentos e certa inflexão no rictus dos labios.

— Então, D. Angelina, sente-se muito doente? perguntou afinal, no tom bondoso de quem acredita antes na illusão sincera de uma alma apprehensiva do que na triste realidade de um caso grave.

Ella não respondeu, como si não ouvisse.

E como o medico significasse o desejo de auscultal-a, ella não se oppoz, deixando-o fazer, amolentada, silenciosa, como inconsciente.

— Isto nada vale, affirmou elle terminado o exame, a repetir inconscientemente uma banalidade

sediça, com que habitualmente animamos os doentes de todas as categorias. E' que trazia tonturas daquella operação, talvez da posição contrafeita em que fôra preciso collocar-se, talvez do contacto de sua cabeça com o corpo vibratil da moça.

— Hei de pol-a bôa, perfeitamente bôa, em poucos dias. Mas, sobretudo, é preciso não se deixar amofinar que o restabelecimento depende mais da senhora do que dos remedios que lhe vou indicar. Tenha confiança e animo.

Ainda teve outras phrases de encorajamento, a que poz remate pedindo papel para receitar, já, então, inteiramente calmo, senhor da situação, com um sorriso animador de segurança. Escreveu rapidamente a receita e erguendo-se: — amanhã vire vel-a e hei de encontral-a melhor, sem duvida alguma.

Sahiu.

— Então, doutor? consultou Estevam de Mello, já na sala de visitas, ao despedir-se do medico. O que acha?

— Não fiz um exame completo para não molestar-a, mas nada vi que inspirasse receio. Grande debilitamento acompanhado de uma certa prostração moral... O espirito me parece mais soffredor do que o corpo...

— Fico muito apprehensivo quando vejo-a doente, porque acho-a muito fragil, e, além disso, me vem logo á lembrança que minha sogra morreu, ainda moça, de uma affecção pulmonar.

— Não, apressou-se em dizer o medico, não ha motivo para receios... ao menos por ora, podemos ter confiança. Bôa alimentação, substancial e de qualidade, exercicios, distracções é do que ella precisa, logo que se levante, o que espero que será nestes dois dias. E depois de uma pausa : leve-a para Mecejana, por exemplo, para fóra da cidade, para o campo. Verá como o ar saudavel, permittindo a plena efficacia de um regimen analeptico, em breve restituirão, á sua filha, as vivas cores da saúde. Até amanhã.

Neste comenos chegara o Motta que foi apresentado a Benicio como o noivo de Angelina. Benicio occultou quam dolorosa lhe fôra a surpresa da noticia, felicitou o noivo e partiu rapido.

De volta, em casa, atirou com o chapéo sobre a mesa do escriptorio e deixou-se cahir numa cadeira preguiçosa desdobrada ao lado da secretária.

Noiva, perdida para elle no momento em que via sua paixão sopitada erguer-se viváz, indomavel, precipitando-se fremente como se estivesse a cevar-se no silencio a que se vira forçada, por uma exqui-

sitice de seu character, pela esquivaça, pelo medo, pela desoladora descrença que lhe punha uma crusta de gelo n'alma, impedindo que um sentimento tam natural e tam forte vicejasse e florescesse. Mas agora desfizera-se a crusta escura e congelada, deixando que o amor se expandisse potente e vasto, á plena luz. Doeu-lhe, então, uma pungentissima saudade dos primeiros tempos. Porque fôra assim?... Porque aquella fatalidade oriunda de seu character lhe havia de collocar naquelle impasse? Não se lhe tinha Angelina revelado acaso em suas palavras, em seus modos?...

Veio-lhe á lembrança a scena da despedida, em Viçosa. Como era flebil, dorosa sua voz, então! Na languidez de seu olhar, quanta ternura! Amavam-se então, e sem trocarem confidencias, sabiam-no ambos. Amavam-se ainda, reconhecera naquella manhã. Mas tudo estava perdido... tudo acabado...

— Oh! a duvida, esta duvida atroz que ha de matar-me, disse alto, com um gesto irado, batendo fortemente com a mão espalmada sobre a perna!... Mas hei de lutar, hei de lutar. Conformar-me com esta situação esmagadora e dilacerante, seria suicidar-me. Porém ó que fazer? Os acontecimentos dirão.

E disseram.

O casamento em perspectiva de Angelina com o Motta foi o reagente que descobriu a Benicio a intensidade de sua paixão que ardia silenciosa e despercebida. Como um nevoeiro que, chicoteado a raios de sol, põe a descoberto os detalhes de uma paisagem cujos contornos mal se imaginariam antes, aquella noticia fustigou violentamente, acremente, a alma do medico, afastando as superfetacões accumuladas por quaesquer causas, e ostentando a realidade de um sentimento que só necessitava de um accidente, de uma oportunidade para romper o tegumento que o abafava, e lavrar dominador e potente como um incendio. Veio essa oportunidade, appareceu esse accidente, mas em um momento em que as difficuldades teciam uma rede de obstrucções deante de Benicio.

Até então, luctára comsigo mesmo, mas a lucta não cessára, mudando apenas de aspecto. Até então, a idiosyncrasia de seu character conseguira recalcar a inclinação por Angelina que elle sentia agitar-se surdamente dentro do seio ; agora que essa inclinação avolumara e com estos quentes de uma paixão irresistivel, ainda sua timidez, infatigavel e pertinaz, encontrara recursos para se não deixar vencer. Seria tarde certamente para reatar os élos daquelle amor que elle tanto se esforçara por suffocar no nas-

cedouro. Pareceu-lhe ver nos olhos de Angelina a persistencia desse amor; mas não seria illusão? E, si não fosse, já não estava ella compromettida com outro que talvez a fizesse feliz, mais feliz do que elle? Quem poderia sabel-o?!... Além disso não queria occultar que lhe causava repugnancia disputar a alguém a posse da mulher que amava, porque uma tal competencia recordava os prelios ferozes que a animalidade noite e dia fere em toda a vastidão do universo, mas de cuja bruteza a cultura vae distanciando o homem mais e mais.

Todos esses pensamentos se enredavam embaraçando a marcha de Benicio, mas não lhe varriam do espirito a convicção de que, apesar de tudo, era necessario obstar a realisação d'aquelle connubio. Era preciso lutar, começando por vencer a si mesmo. Pcis lutaría.

Mas deixemos que os annos passem silenciosos sobre esses combates, crudelissimos em sua obscuridade, que vae suscitar o desequilibrio de um espirito em lucta comsigo mesmo e com as fatalidades da vida organica e social.

Vencerá? Succumbirá?

Vel-o-emos em breve, e o seguinte factó nos instruirá de alguma forma a respeito.

Pouco tempo depois desse dia cujos aconteci-

mentos tam profundamente revolucionaram a alma de Benicio, Angelina estava de pé, fóra de cuidado, mas ainda abatida, e seguia com a familia para Mecejana, onde esperava do clima a tonificação de seu organismo abalado e enfraquecido.

O Motta soubera da viagem somente á ultima hora e, por isso, não lhe foi possível acompanhar a noiva. Andava já intrigado com os modos esquivos de Angelina, muito diferentes dos que elle esperava que tivesse uma desposada, mas aquella retirada imprevista desconcertou-o completamente. Parecia-lhe aquillo quasi uma fuga.

Não obstante nada disse, e foi para seu escriptorio commercial como de costume. Tres dias depois lhe chega ás mãos uma carta vinda pelo correio, com o carimbo de Mecejana. Recebeu-a em sobresalto, leu-a tremulo, avermelhando-se-lhe as orelhas á proporção que avançava na leitura, e, em seguida, amarrotou-a entre as mãos, encolerizado, e rasgou-a em tiras miudas que atirou no cesto dos papeis velhos. Mas, olhando para dentro do cesto, leu, rilhando os dentes, o nome de Estevam de Mello que se retorcia nos caracões de uma dás tiras da carta rasgada. Agachou-se, rasgou novamente, com muito cuidado, aquelle papel que tanto o irritava, de modo a que não ficassem duas syllabas ligadas. E, respi-

.....
rando com ruido, disse para si: Ah! o medico. Bem
o suspeitava eu.
.....

V

O sol transmontando tingia as nuvens, no caso, de uma cor rubra, sanguinea, abrasada. As comas verdejantes das arvores tinham reflexos mornos, de um alourado triste, pallescente. No campo havia longos espreguiçamentos de sombra e suaves exalações de boninas. Uma fraca viração dobrava os caniços tenros, e os passaros soltavam, morosamente, o ultimo vôo, occultando-se por entre a folhagem, aos saltos, muito contentes, dando gritos alegres e risadas escarninhas.

Havia um sussurro vago e confuso de natureza que adormece. Um fremito suave percorria a terra que desfallecia num desmaio de luz, sorrindo melancholicamente.

Do campo voltavam os musculosos trabalhadores, enxadas ao hombro, suarentos e cançados, mas, ainda assim, transparecendo-lhes das physionomias trigueiras, crestadas pelo sol, a rude franqueza, a saúde e a fôrça, e rindo a bom rir, numa

larga expansão de alegria ruidosa, das bôas historias patuscas que contavam uns aos outros.

Traziam as mangas arregaçadas, as camisas, de panno grosso, dobradas em gola, como paletot, deixando a nú o pescoço, a gorja e uma nesga do athletic thorax, e andavam lestos, fazendo ranger o saibro do caminho sob a pressão de seus pés curtos e espalmados, mettidos alguns em alpercatas de couro crú.

Nas humildes choças de palha de carnaúba, pequenas e baixas, dando entrada pelos oitões pintados de oca amarella com portadas azues, labutavam as mulheres, de rija carnação e espaduas largas, robustas e incansaveis. E as creanças de cabellos pretos e tez bronzeada, lembrando os antepassados selvicolas, corriam nús pela estrada ao encontro dos paes.

Mais além, para o lado da cidade da qual se destacavam as torres e as cupolas dos edificios mais elevados, erguia-se, por traz de um jardim, que se prolongava num sitio, uma casinha em forma de *chalet* que, elegantemente e transpirando abastança, contrastava sensivelmente com os miseraveis casebres de em roda. No terraço, Angelina, vestida de branco, seu traje predilecto, embalava-se mollemente em uma cadeira de balanço, mal roçando no chão

a poncta afilada do pesinho mimoso. Ao lado, Benicio dizia-lhe alguma cousa, muito inclinado para ella que, sorrindo com o angelico sorriso de mãe, contemplava uma loura creança de olhos claros e ardentes que brincava, correndo por entre as ruas do jardim acompanhada pela ama.

Já iam fugindo as ultimas claridades do dia; as negras azas da noite, se abrindo lentas e longas, subiam do horizonte, envolvendo a terra em sombras diffusas; a natureza entristecia-se na saudade da luz que morria numa agonia demorada; e, na egreja proxima, soava merencorimente ao dobre do *Angelus*.





LALIE



alie!...

Chamavam-na assim. Porque? O nome é francez e faz lembrar uma criação argelica de Emile Zola; mas era uma creança brasileira que por elle acodia, quando ouvi pronuncial-o, certa vez em que sahira a dar um passeio

matinal, nos arredores do Recife, que eu via, então, com os meus olhos de vinte annos. Por certo não era esse o nome baptismal da pessôa a quem chamavam, mas, qualquer que elle fosse, posso hoje affirmar, nenhum lhe ficaria tam bem quanto o de Lalie, que a vestia como si fosse uma tunica inconsutil.

Era uma creança de olhar doce e voz suave, e, só pela doçura do olhar e pela suavidade da voz, se poderia conhecer que era innocente e bôa. Que idade tinha? Não sei; nem mesmo procurei saber. Para mim as moças têm sempre quatorze ou dezoito annos. Lalie devia ter, portanto, uma dessas duas edades; porém mais provavelmente a primeira, avaliando pelo aspecto, pelo gesto e pelo sorriso, que eram de creança ainda. Além disso, creio que de sua existencia pouco mais conheci do que uma pagina, lida a distancia, perfumosa e doce pagina que ella talvez olvidasse, mas que eu aqui deixo esboçada em linhas vagas.

Era tam meiga e tinha o coração tam pleno de amor essa gentil creatura, que já era um prazer o simples factó de vel-a, extremamente pallida, com seus olhos pretos, scintillando sob os longos cilios, e com os cabellos cahindo, em largas ondas escuras, até os quadris, destacando-se, das moitás verdes de seu jardim, na claridade jubilosa das manhãs.

Eram as flores o seu maior prazer. Todas as manhãs, invariavelmente, quando o dia desponctava, ella descia ao jardim para regar suas flores, suas flores queridas.

Creiô mesmo que era esse seu unico divertimento, seu passeio favorito pelo menos. Em parte alguma, ella se sentia mais alegre do que em seu jardim, olhando as plantas floridas e afogando-se numa onda de perfumes e de luz, de perfumes que subiam da terra e de luz que descia do sól. Vi-a muitas vezes assim, embevecida e sorridente, deramando, sobre os canteiros de verbenas e sobre os jarros de begonias, o chuveiro de seu regador, voando, embebidos em luz, os fios mais leves do cabello ainda na desordem do despertar.

Em um canto de seu jardim, um fragil rebento de herva desponctára, á sombra amiga de uma frondente roseira, e, naquelle esconderijo, crescera ignorado. No fim de muitos dias, de entre as folhas esguias e longas da graminea, destacaram-se, em garboso elance, varios hastis que se cobriram de pequenas flores de um suave azul, tendendo para a côr do lyrio e com uns longes roseos no engaste das petalas.

Foram essas as flores que ella mais amou. Como as havia descoberto sosinha, queria vel-as des-

abrochar e viver em silencio, amando-as e gosando-as exclusivamente ella.

Sómente nas occasiões em que o jardim estava deserto é que penetrava, desassombrada, no recanto em que se expandiam minúsculas as florinhas azues. Isso acontecia naturalmente pela manhã, quando as pessoas da casa se achavam ainda na cama ou atarefadas nas primeiras occupações do *menage*. Ah! nesses momentos, como era grato ver as florinhas atogadas na poeira rutila do orvalho que algum raio de sol vinha incendiar. Lalie as contemplava com aquelle prazer mesclado de orgulho com que o artista examina um trabalho, onde infundiu a melhor parcella de seu talento. Parecia-lhe que as modestas florinhas, em que ninguem fizera reparo, eram mais suas que as rosas, as dhalias, as margaridas e as outras mais que se ostentavam a vista de todos.

Mas esse prazer não durou muito. As florinhas começaram a emmurcheçar, agora um grupo, mais tarde outro. E nem mais um gomme, nem mais um hastil, de onde se podesse esperar nova camada de flores.

Então Lalie, todas as vezes que as contemplava, erguia supplice, para o firmamento, seus olhos negros e ardentes. Era uma prece muda, porém a mais profunda e a mais tocante que ella podia diri-

gir ao Deus que lhe haviam ensinado a adorar nos primeiros annos e que ella amava tanto, alma ingenua e casta.

Um dia... mas que dia triste !... as flores estavam de todo fanadas !

— Meu Deus, exclamou Lalie, ao vel-as assim emmurchecidas, que infelicidade ! Ellas se deixaram morrer as pequeninas más !... E collocando em terra o regador que trazia para orvalhal-as ainda uma vez, deixou-se ficar ali pensativa, absorta, com os olhos fixos nas pequenas flores fenecidas. De subito reanimou-se, e, tomando as flores que ainda encontrou, descoradas sobre os pedunculos agora estereis, esmagou-as todas com as mãos tremulas de emoção.

— Desta vez acabou-se, disse ella soluçando, as faces afogueadas. E retirou-se tristemente. Mas, arrependendo-se, dentro em pouco voltou sobre seus passos, agora mais calma, a pobre creança que ainda não conhecia quanto vae de magoas por este viver humano, e, com um vago sorriso nos labios, colheu as petalas encolhidas das florinhas seccas, beijou-as com ternura, e, commovida, as foi guardando piedosamente num cofresinho que trouxera, como se guardasse as cinzas de um ente querido.

Depois desse dia, ninguem mais a viu pela ma-

nhã, entrar com o sol no jardim de sua casa, embevecida e sorridente, com o regador na mão direita, e voando, embebidos em luz, os fios mais leves do cabelo ainda na desordem do despertar. Mas, á tarde, viam-na quasi sempre, debruçada no balcão, sondar o caminho da cidade, onde esperava avistar alguem que lhe estava fazendo esquecer as flores, e recolher-se graciosamente amuada, si o horizonte não se tingia com a silhouette do vulto almejado.





MILOCA



A febre tinha começado á tarde, com arrepios de frio e uma forte dôr de cabeça. Nesse dia, Miloca estava mais impertinente que de costume, teve phantasias extravagantes, exigiu impossiveis, irritou-se, chorou, até que afinal, vencida pela fadiga, adormeceu numa

rede de algodão, tecido em malhas finas, de azul e branco, em que o pae costumava dormir á sesta. Quando foram tiral-a d'ahi, viram que uma febre intensa escaldava-lhe o corpinho tenro.

Tinha sete annos então. Cabellos castanhos cahiam-lhe em cachos, da cabeça pequenina e bem feita, emmoldurando um rostinho cheio, de ordinario pallido, mas a que o estado pyretico dava agora uns tons rubros, de ingleza.

Quarenta e nove dias esteve enclausurada no quarto. Durante todos elles, vinha o medico tomar-lhe o pulsinho magro, passava-lhe a mão pelos cabellos e sobre a testa, acariciando-a, e, depois, escrevia uma receita.

— Olhe beba isto que fica bôa. Mas ella tinha horror ás poções, aos xaropes, ao quinino, a tudo.

Então elle, pachorrento e bondoso, sentava-se na cama, ao lado della, tirava do bolso uma boneca, um brinquedo, um mimo qualquer, dizendo: — eu lh'o dou, mas é preciso tomar o remedio. Ella punha-se a chorar, queria a boneca, mas não queria beber *aquillo* que era muito ruim. Elle insistia, que bebesse, que não era mau, e fingia tomar um gole para animal-a. Afinal a pobre pequenita segurava no copo, fechava os olhos, e, fazendo as carantinhas mais comicas, ingeria a beberagem.

O pae e a mãe estavam sempre ali, ao lado della, affagando-a, promettendo quinquilharias para ella se accommodar, para aceitar os remedios.

Vendo-se alvo de tantos desvelos, envolvida numa atmospherã tẽpida de lisonjas e submissões, tornou-se caprichosa.

Um dia quiz almoçar nuns pratinhos de boneca. Collocaram-se as fatias torradas num piresito, o chá num bule minimo, ella derramou-o, gravemente, numa chicãra do tamanho de um dedal de moça, e não houve hypothese de fazel-a repetir a operação. Uma *senhora*, entendia de si para si, não devia tomar mais de uma chavena de chá. Nos dias de festa em sua casa, ou nas casas de cerimonia, nunca tinha visto moça alguma commetter tal despropósito.

Depois a febre cedeu. Mas ainda não conseguiram que ella extendesse o seu passeio além da alcova, uma vasta peça, é certo, porém, ainda assim, uma prisão.

Espreitava pelas frestas da porta e via, lá fóra, o azul vasto e limpido, que ia morrer tam longe, tam longe, como que a convidal-a para uma carreira pelo campo. No jardim, uma rosa se abrira e estava a fital-a, com uma physionomia alegremente expansiva, a sorrir, nacarada e fresca.

Que saudades lhe vinham de sua liberdade travessa, que impetos de saltar, de correr, de brincar, com as outras pelo quintal, de contemplar o largo rio rolando, sereno e magestoso, a sua enorme massa d'agua, de ir á missa com seu vestidinho novo, de ver os passaros em revoadas alegres perderem-se na matta, de alargar a vista pelo espaço sem fim, de sentir a vastidão do mundo, embriagar-se de ar, afofar-se em luz!

Afinal sua mãe veio dizer-lhe: — hoje pode sair; mas não vá apanhar sol.

Ella veio sabi do, um tanto tropega, morosa, muito magrinha, com os olhos claros muito abertos, achando em tudo um ar de novidade. Depois correu ao jardim, percorreu todos os cantos da casa, foi á porta da frente, olhou a rua, tomando posse... Agora sim, podia brincar a larga, voltar á vida de outr'ora, feliz e livre, sem remedios amargos e sem as reclusões mais amargas ainda em sua insipidez.

No rostinho descarnado de convalescente, scintillavam de alegria os olhos pretos; os labios encurvavam-se num sorriso perenne, e nunca fora tam ruidosa em seus brincos infantis.

Numa só hora, revivera os dias que passara jungida ao leito pela molestia pertinaz.

Porém, quando mais intensa lhe ia n'alma a doce

alegria da liberdade, o prazer de ter revivido, afflando-lhe o regaço de creança, surprehendeu-lhe uma lembrança ingrata que a fez estatelar um instante, suspendendo o folgar, banhada numa onda de gelo interno. E' que vira, sobre uma banquetta, na sala de jantar, o seu terceiro livro de leitura, a sua lousa, o seu caderno de escriptas, cobertos de pó, esquecidos e lembrou-se dos aborrecimentos, dos dissabores que já lhe haviam dado, e por elles imaginou os que lhe dariam ainda.

E viu que sua liberdade tinha peias, que seu prazer tinha espinhos.

Ah! si não fossem os livros!... Ah! si não fosse a escola!...





NA HELLENIA



arde estival e pura do mez Boedromion.
Do solo adusto, reçuma um halito
morno e secco. As sombras extendem-se
pelos valles, e o sol, debruçando-se por
traz das montes de Artemis, touca de grinaldas e fes-
tões fulvos o busto magestoso da gigantesca Athena

Promachos em bronze, a fachada do Parthenon e os porticos das Propyleas, na Acropole, que se destaca acima dos tectos da casaria e além dos muros recordados da bella e rumorosa cidade, que a poesia imaginou coroada de violêtas, a opulenta, primorosa e erudita Athenas.

Crobylo, mettido em uma tunica avermelhada e envolto num manto macedonio de côr azul, chapéo de abas largas, comprido bastão, coberto de pó, vem se aproximando dos muros em que se aperta a capital da Attica, recolhida, como ametrondada, para evitar a surpresa dos assaitos. Vem pela estrada que sobe do Sunium. Ao chegar ao poncto em que confluem outras vias que se dirigem de Athenas a diversas partes da Paralia, no littoral do Saronico, teve de estacar, para que passassem grupos de viandantes, uns a pé outros montados em mulas, que demandavam, áquella hora, a seductora cidade que Palas escolhera para morada predilecta. E, enquanto se atropelam os transeuntes, embebidos numa animada conservação que parece fazer-lhes coegas, tanto riem, Crobylo detem-se pachorrento, e, para distrahir-se, volve o olhar para o oriente onde o sol poente crava seus derradeiros raios, côr de cobre novo. Por caminhos meandrosos, convergindo para o poncto em que elle se acha, avançam novos grupos dis-

persos que se destacam na luz daquella tarde calma, numa larga extensão. Uns descem encostas ainda ao longe, e parece que o arrêbol lhes põe placas de fogo pelos hombros, resplandores scintillantes nas cabeças; outros, empallidecidos pela sombra, transpõem as ribanceiras pedregosas do Ilissus, sem aguas correntes a esse tempo, mas em cujas margens vicejam pomares e vinhedos; ainda outros, mais perto, fazem chocalhar os calhaus das ravinas que rasgam as firaldas dos montes para o escoamento das aguas no inverno.

Quantos veriam ali, como elle, tangidos pela borrasca do infortunio e em busca da felicidade fugidia? Quantos estimulados pela sede do renome nas artes, na eloquencia, na politica? Quantos não veriam buscar somente o prazer, o goso, no tumultuar da metropole grega?... Mas, á proporção que os individuos se aproximavam, que saham da aureola do crepusculo, perdiam os tons grandiosos, e Crobylo se apercebia de que eram, quasi todos, homens rusticos que vinham com as familias assistir alguma solemnidade religiosa, e, para não perderem de todo o tempo, traziam, ao mercado, fructos e legumes.

Somente elle, talvez, vinha tangido pela borrasca do infortunio e em busca da felicidade fugidia.

Quando Demetrio Poliorcetes invadiu a Grecia, talando os campos desde Rhamunto até Eleusis, e assediando Alhenas que, afinal, se rendeu exausta, maltrapilha e faminta, Crobylo fôra dos que mais soffreram. A torrente devastadora dos inimigos ruiu sobre sua herdade sombreada de oliveiras e platanos, onde os figos enrubesciam capitosos, e pasciam, pelôs outeiros, cortando aservas verdes, que se insinuavam pelas fendas das rochas, vastos rebanhos de cabras e ovelhas. E, de toda a sua opulencia primitiva, ficaram apenas as terras devastadas, destruida a casa, consumido o gado, imprestaveis as plantações.

Assim arruinado, sorria-lhe ainda uma esperanza pertinaz: o amor de Telesippa, a bella filha do rico Iolaus. Mas, suppondo que o aravento Iolaus o queria ainda para genro, empobrecido, desalentado, sem fortuna visivel e sem futuro, era elle Crobylo quem se sentia attrahido para Athenas, afim de reconquistar o socego perdido de seu espirito, um pouco de gloria ou de fortuna com que adornar-se para o hymeneu. A riqueza ou a celebridade eram os unicos presentes de noivado com que ousaria apresentar-se deante da escolhida de seu coração.

Além disso, uma outra força irresistivel o impellia para aquella cidadella da philosophia e das

artes. Queria achar um sabio, um sophista, um rhetorico, um desses homeis que investigam a natureza e sabem as causas secretas porque se movem os astros e se agitam os mares, para derramar um pouco de luz no seu cerebro obscurecido, um pouco de balsamo em sua alma torturada. Queria que esses homens superiores lhe ensinasse onde está o prazer supremo e qual é a trilha por onde se vae a esse paiz ignoto da felicidade terrena.

Não comprehendia que a vida pudesse tender para outro norte, a vida do homem e a vida dos povos. Si os reis accumulam poder, si os sabios accumulam conhecimentos, é somente para que, no fim de tantas fadigas, tenham um momento de gozo; mas gozo real, infindo, exgottante, e não illusão ephemera que deixa travo quando se desfaz como um fructo sorvado antes de amadurecido. E si alguem existia que tivesse conseguido a posse desse ideal supremo, poder-lhe-ia talvez communicar o segredo de seu invento.

Sob o imperio desses pensamentos, penetrou na cidade. Seguiu silencioso e desacompanhado pelas ruas estreitas, tortuosas e mal asseidadas que desembocavam em praças largas, cercadas de porticos sumptuosos, columnatas artisticamente lavradas, estatuas de grandes homens, e desapareceu num la-

byrintho de casarias baixas e monotonamente semelhantes umas ás outras.

II

A cidade despertára alegre para celebrar, com as pompas usadas, a festa de Demeter, a bôa deusa que ensinára a arte de arrotear os campos fecundos, e que, de sua peregrinação instructiva e caridosa pela terra, ainda censervava, como recordação inapagavel, um punhado de espigas eternamente lou-ras e a fouce recurva.

Pelas ruas interiores e pelos arrabaldes, movia-se a multidão em gaudio. Nas alamedas do Ceramico externo, tam proprias ás ribaldarias amorosas, a massa popular tornara-se compacta, desfilandolenta, ao longo da via sacra, num alarido de vozes confusas que subia aos céos e reboava no espaço como um hymno extranho e solemne de epodos intelligiveis.

Vinham mulheres vestidas de tunicas e chittons nevados que se lhes prendiam nos hombros e cahiam em pregas abundantes, até as artelhos as tunicas e até meio corpo os chittons. Traziam outras bellas tunicas recamadas de flores vistosas e sobretunicas franjadas que apertavam cinctos riquissimos.

Os eupatridas traçavam a tiracolo os largos mantos alvos, com um gesto nobre de estatuas phidianas, e os ephebos, resplandescentes de mocidade e vigor, marchavam por turmas, erguendo escudos em attitude marcial e revestidos com as suas chlamydes curtas cujas azas ponteagudas mal tocavam nos joelhos, deixando as pernas a nú, e mostrando, ao arfarem, parte do torso marmoreo e correcto.

E todos iam, em procissão de uma alacridade bacchica, descendo para o valle do Cephiso.

A uma certa distancia, afastado do remoinho da multidão estacionava um homem, talvez de cincoenta annos, modestamente vestido, physionomia soffredora e nobre, olhar doce, mas suavemente melancholico, labios encurvados por uma ironia subtil, mal transparecendo aos que o fitavam de perto.

— E' o philosopho Epicuro, disse Dramoclides para Crobylo, que vem, como todo mundo, assistir á transladação do deus Iacchos para Eleusis. Rodeiam-no os seus discipulos. Eis ali Hermaco, Metrodoro, Polyeno, o jovem Thimarco...

Crobylo sentiu uma vibração em todo o seu ser. Um presentimento, accordado de subito, lhe disse no intimo que seria o doce philosopho dos jardins de Athenas quem lhe poderia dissipar as suas tor-

turantes dores d'alma, illuminando-lhe a existencia com a palavra clara da verdade.

Mas uma voz odicenta arrancou-lhe do extasis, rosnando ao lado : — Falaes de Epicufo?... E' um perversor da mocidade.

Crobylo e Dramocliides voltaram-se para o lado de onde vinha a phrase aggressiva. Era o velho Marocles, barba longa, olhar irado. — E' um perversor da mocidade, um ignorante, um porco, repetiu-lhes elle em face, num tom provocante e convicto, mas onde se esgargalava um odio de escola. E, como os outros, surpresos, não lhe dessem resposta, proseguiu seu caminho, victorioso, ferindo com a lamina cortante de seu olhar, o mestre que, a essa hora, desaparecia encoberto por uma onda de povo, que rolava, num curso marulhoso e agitado, de Agrae para Eleusis.

III

Nessa noite, Crobylo teve um sonho extranho, que lhe pareceu uma revelação.

Estava sentado sob um frondoso platano, em uma eminencia de onde se avistava, a um lado, o Pireu, com suas cabanas de pescadores, seus vastos armazens, suas extensas muralhas e os tres portos.

Mais além a ilha Egina que Pericles chamara a belide do Pireu, e o mar, vasto e azul, cortado por varios navios garbosos, cujos remos fendiam as aguas, unidos na distancia, num compasso igual, similhando grandes aves marinhas agitando as azas em demorado vôo á flor das aguas.

Sem que percebesse de onde viera, chega-se a elle Epicuro, com a mesma physionomia soffredora e nobre, o mesmo olhar doce e suavemente melancolico, e os labios encurvados pela mesma ironia fina que mais parecia effluvio de uma alma que soffre do que desillusão de um espirito que tudo sondou para tudo saber. Estavam sós. Epicuro pousou-lhe a mão no hombro e falou, numa voz persuasiva e acariciante.

— Buscas o repouso e a felicidade. E onde julgas que esteja a felicidade, e onde pensas que se esconde a paz do espirito, que é doce como um fructo sazonado? No prazer? Na volupia? No gozo fugitivo e vão dos sentidos? Aristippo e a eschola cyrenáica foram todos uns desvairados. Não afastes o prazer que te for deparado pelo mundo. Mas colhe-o como quem colhe uma flor. Elle vem da natureza e foi ella que nos moldou a vida assim. Mas erigir a satisfação dos desejos materiaes, em principio fundamental de conducta, em base da mo-

ral é um pensamento sujo que tresanda a vinho. O prazer physico, si é descommedido, exhaure e deixa um resaibo de fel; a volupia continua apaga o fogo da intelligencia, scentelha divina que nos destaca e eleva acima dos brutos e dos barbaros.

— Mas a religião? balbuciou Crobylo dominado mais pelo tom das palavras do que mesmo pelo que ellas significavam.

— A religião?... O philosopho teve um olhar mais condoido e uma ironia mais forte, porém uma doce ironia que não magoava. A religião?... Não atormentes os deuses com as tuas preces insensatas. Ephebos eternamente bellos, eternamente jovens, afogadõs na ebriedade de um gozo ideal, não podemos siquer imaginar que elles se rebaixem a se immiscuir com a nossa vida mesquinha que dilaceram as paixões e a duvida. Serenos e despreocupados, elles vagam pelos intermundios, emquanto o lento curso das cousas se desdobra immutavel, impellido pela queda dos atomos em turbilhão.

— Mas o patria?

— Bella e nobre cousa é, por certo, servir aos seus, ser util á patria. Mas teriam sido felizes Aristides, banido, Themistocles, refugiado entre os persas, Phocion, bebendo a cicuta preparada por aquelles mesmos a quem procurara servir, Demos-

thenes, suicidando-se no templo de Poseidon na Calauria?.., Não te descorçoem estes exemplos, e serve a tua patria nobremente, como estiver em tuas forças, mas não supponhas que encontrarás ahi a felicidade. O favor popular é uma fonte inexgotavel de magoas e dissabores. O povo é inconstante e cruel; sacrifica, em uivos de colera, o idolo que adorara de joelhos no dia anterior. Que mortal foi mais endeusado pelos athenienses do que Demetrio, e, no emtanto, que destino triste o seu !... Não procures o favor das turbas ; segue teu caminho impavido e deixa que a onda popular se espoje além, sem te arrastar em seu refluxo.

— E o que fazer? Onde beber, então, o gozo que as almas procuram sedentas. Onde a felicidade, onde a paz do espirito?

— Ha um vinho mais doce e mais delicado do que o que se extrahе dos cachos da uva de Chio e que se bebe em taças lavradas. E' a pratica do bem, é a virtude, que nos dá o gozo no momento actual que passa rapido, e no passado que subsiste pela revisão do que fizemos. Ninguem pode ser feliz sem ser justo !... Existe um favor mais cubicavel do que o da populaça de Athenas ou de qualquer outra cidade, é o da propria consciencia e da consciencia dos que nos podem comprehender !...

Colloquemo-nos acima do vulgo, sem desprezal-o vaidosamente. Libertemo-nos de suas inquietações crudelissimas e de seus temores infantis, creados pela ignorancia, mas não procuremos arrancar-lhe as illusões que amenisam-lhe a existencia, uma [vez que não é possível inicial-o na religião da sciencia, que tem as suas provações como as outras e como as outras os seus mysterios.

Envolvidos no cendal sereno da ataraxia que nos dá a contemplação das leis universaes da natureza grandiosa e vasta, da belleza ideal e da virtude, cortemos o cordão umbelical que nos prende ao mundo reduzido de uma pequena cidade hellenica, e elevemos a vista mais ao largo, mais ao longe.

A suprema serenidade que só as almas superiores conhecem — eis a felicidade tangivel. O caminho que a ella nos conduz é essa necessidade faminta de conhecer o mechanismo da vida universal, allia-da a essa outra necessidade de ser bom, de ser justo. Isto é, a philosophia ; e a philosophia é — « a energia pela qual a razão conduz o homem a felicidade. » A philosophia é um rio de aguas claras e profundas, mas está longe, está distante, por traz de montes altissimos, de florestas rebarbativas.

O philosopho calou-se. E nesse momento assumou Telesippa, como si tivesse emergido do solo.

Tinha um sorriso victorioso aberto em flor na flor dos labios, e, arrepanhando um pouco a tunica que o vento do mar agitava, derramou a luz de seu olhar sobre as duvidas tormentosas de Crobylo. Falou, radiosa : — Não rebusques mais, não desesperes. A felicidade sou eu !... E' bem simples, podes crer : a felicidade sou eu...

E, envolta em uma nuvem diaphana, trescalando do myrrha, sorria ainda, victoriosamente.

O philosopho, envolvendo os dois jovens no mesmo olhar compassivo, acenou, com sua bella cabeça de pensador, approvando :

— Amae-vos, disse, enquanto sois moços e a lyra de vossa alma tem vibrações para essa incomparavel ternura que transvasa dos seres quando se infloram para o amor ! Amae, dissolvi o vosso set em ondas de affecto ! Sim, é isso. E' bem simples, e é perfeitamente humano. Mas não esqueçaes a linha recta, e, sempre com os olhos fitos no alto, procurando comprehender a natureza e a vida, o real e o justo, segui o vosso caminho, unidos e felizes, desassombrados e inhesitantes.

IV

Ao despertar no dia seguinte, sentia Crobylo

que se lhe tinham desfeito as tormentas e mortificações do espirito. As duvidas haviam fugido e alma transformada refflorira em vigor. Como se tivesse bebido um philtro magico, voltáram-lhe a coragem, a esperança e a força.

Ergueu-se, vestiu-se, e, com ar prazenteiro, e animo viril, seguiu pelo caminho da casa de Iolaus. Estavam longe o inverno e o plenilunio, epochas propicias para o hymeneu entre os hellenos. Mas no céo de seu espirito brilhava o luar mais bello, e já corriam fremitos de primavera em seu sangue juvenil.

Não esquecera Epicuro ; mas haveria sempre tempo de voltar, um dia, ao placido jardim onde o mestre ensinava o caminho da felicidade pela sciencia, pela virtude e pelo amor.





Um salteador nocturno

Era alta noite, quando o recolhimento deramava sobre a face das cousas um amicto de silencio, prehe de assombros phantasticos, de trevas sinistras ou de claridades tristes de luar, que elle vinha, caminhando muito de manso, pés subtis, avançando com mil requintes

de precaução, a olhar com seus olhos faiscantes que abriam, no panno escuro das sombras, dois rombos de luz phosphorescente. Transpunha rapido o velho muro de pedra, que deitava para a rua deserta e para uma nesga de matto semeiada de alicerces em ruina, num declive de elevação, atravessava o quintal, subia a escada sem fazer ruido, chegava á sala de jantar, lançava uma vista de reconhecimento sobre o campo de batalha e ia surdamente, em sua maciez felina, avançando aos poucos, até que, vendo-se unico vivente naquelle isolamento de horas tardas, desabotoava os movimentos, muito em liberdade, como quem está em casa propria.

Uma fome atroz roia-lhe inexoravelmente as entranhas, aguçando-lhe a olfação, estimulando-lhe a coragem, activando-lhe a perspicacia. Do interior da casa os habitantes, assombrados, ouviam, então, um barulho de panellas que se destampam, um tilintar de pratos e copos que se entrechocam, como si fóra, na varanda, houvesse uma pandilha inteira de foliões a se regularem, num banquete nocturno.

Abrir a porta para surprehender o auctor daquella orgia, era trabalho excusado. Nem sombra, nem rastro, nem rumor de fuga. Nada. Silencio absoluto.

Era aquillo um sonho hoffmannico, de scenas

absurdas, sobrenaturaes, proprias para infundirem pavor nos espiritos fracos e supersticiosos!...

Aquelle carunchoso sobrado, repousando as construcções do fundo sobre altas columnas de pedra, descarnadas do reboco, naquella rua coberta de ruínas, era *mal assombrado*, opinava o povo inteiro da cidade transido de susto. Em noites claras, muita gente tinha visto moças exquisitas, de vestidos brancos cahindo frouxos até os pés, a modo de mortalhas, a passearem somnambulicamente por baixo das arvores do quintal. Todos, ao passarem por ali, sentiam como que um certo bafio de cousas mortas, de sepulchros que se abrem, e um vento frio vinha de dentro, do pavimento terreo, como si viesse do outro mundo. Um horror! Os cabellos eriçavam-se e as pernas traquejavam aos transeuntes nocturnos que, se tranviando em suas excursões, tinham de passar por aquellas paragens.

Ninguém comprehendia a nossa temeridade em virmos morar para ali. Mas todos se calavam para que não fossem tidos por medrosos e visionarios.

Uma vez, a noite estava extraordinariamente bella. Um pedaço de lua, luminoso e sereno, apparecia por traz dos escombros de um antigo quartel, esbatido na placa azul de um ceu purissimo. O mar, illuminado por aquelle olhar langoroso, farfalhava

mollemente, num espreguiçamento murmuroso de ternuras sensuaes. A paysagem verdejante, de traços indecisos naquella hora e sob aquella luz, arredondara os contornos e tomara um achatamento de tintas sobre telas. E nós fomos tambem revolver, silenciosamente no cerebro, o nosso hymno druida á solitaria e casta diva, olhando a bahia que se extendia em frente, estremecendo sob as escamas prateadas da cotta de malhas com que o luar a vestira; o pharol de S. Marcos rebrilhando á distancia, afogado na poeira das emanações marinhas; e um amontoado de ponctos brancos e escuros por entre tufos de arvores, ao longe, que nós sabiamos ser a cidade de S. Luiz apertada entre o Bacanga e o Anil, do outro lado da bahia.

Por traz de nós, Alcantara dormia patriarchalmente, na sua decrepitude precoce, espalhando suas paredes carcomidas, desde o igarapé que forma o porto ao sul até os alagados das salinas a leste e norte. Ao nosso lado, á esquerda e á direita, a velha cidade tomava um aspecto verdadeiramente entristecedor. Vastos casarões desmoronados abatiañ-se em sequito lugubre, grossos paredões de conventos, sem tecto; abriam-se em desabamentos dolorosos por onde se insinuavam vegetações escarminhas que, a noite, punham nodoas negras na-

quellas antigas muralhas esborcinadas. Tinha-se a impressão de estar sobrevivendo a uma civilização cujos restos se haviam esborado ali; voavam daquelles escombros sentimentos e idéas de magoa e de humildade.

Elle, porém, não meditava sobre as ruinas paradoxas de uma cidade brasileira, nem tinha pieguices parvas deante do esbranquiçado disco lunar. Creio mesmo que o luar lhe era particularmente odioso.

Demais, o estomago exigente não lhe permittia, siquer, as expansões amorosas. Vivia só como um eremita, tendo o mesmo egoismo, odios semelhantes e batendo, com identico frenesi, a matilha raivosa e sempre renascente dos desejos. Para o outro sexo tinha olhos de eunucho.

Portanto, o doce mysticismo, em que se afogava a natureza naquella noite, não lhe vibrou uma nota no teclado do sentimento, e elle foi, como sempre, á sua peregrinação nocturna, a gualdripar as victualhas mal guardadas, a devorar os restos de nosso parco jantar. Já muito atreito áquellas visitas illícitas, veio sem as grandes precauções costumadas, mais afoito.

De um salto galgou a mesa. Um instante contemplou os destroços esparsos da ultima refeição, depois agachou-se sobre o ultimo prato e poz-se a

comer com a sem cerimonia que dá um appetite espicado por um dia inteiro de jejum. Talvez sentisse, naquelle feliz momento de farfada, a ausencia de uma companheira, para ir tasquinhando os fanaticos que elle desprezasse. Depois de impor silencio ao estomago, pode-se bem pensar no amor... Talvez, tambem já estivesse habituado ao celibato, e, então, quem sabe o que lhe passaria pela cabeça em revoadas de pensamentos, si é que elle pensava? Talvez, tambem, se recordasse com saudade, o misero, de seus dias gordos, dos bons tempos em que ainda possuia a sua velha dona. Que tempo aquelle! Os quadris não trahiam, por cima da pelle, as angulosidades da ossatura; o pello, macio e limpo, taurado de malhas escuras, tinha reflexos luzidios, quando elle imprimia ao corpo ondulações voluptuosas em espreguiçamentos ao sol.

De subito, se viu cercado. Quiz fugir e, num pulo, arremessou-se ao alcapão que fechava a escada que da sala de jantar descia para o quintal. Mas tinham-lhe cortado a retirada. Voltou-se e viu que escarneciam delle. Teve impetos de esganal-os, aos que seriam, como fazia aos ratos, de lhes retalhar as carnes, com as garras afiadas e rijas. Os olhos faiscaram-lhe numa irradiação vivissima de phosphorescências e pareciam crescer desproporcio-

nalmente, como si, de dentro, soprasse lhas as fornalhas uma tempestade de coleras. Tentou subir pelas rotulas que fechavam a parte externa da sala; em toda a sua extensão, experimentou mesmo trepar pela parede interna, que arranhou raivosamente, metteu-se por baixo dos moveis, correu por todos os lados enfurecido, como louco, procurando, numa obstinação já inconsciente, por onde fugir daquelle enjaulamento, mas tudo inutilmente, quebrando-se de encontro ao impossivel seus esforços pungentes e suas pãsimosas ousadias. E sempre deante delle aquellas mesmas caras impiedosas, a rir de seu desespero, fóra do alcance de suas patas.

Nós nos limitavamos a olhar as extravagancias de seu furor.

Afinal cansado de luctar, exhausto de energias, quedou-se offegante num angulo da sala. No lado opposto, a janella que olhava para a rua tinha um vidro quebrado. Ao descobri-lo, quasi sorriu. Ergueu-se rapido, os olhos fasiláram, e, certo como uma bala de boa pontaria, atirou-se no abysmo...

Quando chegámos á janella, já elle corria longe; numa velocidade vertiginosa, e, transpondo os muros quebrados de um sobrado em ruínas, desapareceu na sombra de uma moita distante, para nunca mais voltar. E, assim, acabaram-se as visagens.



NARRATIVA

Ficámos em casa, eu e Gustavo.
Uma batéga d'agua, desde a tarde, desabava torrencial e quasi sem intermitencia. Das biqueiras as aguas escorriam em grossos fios que cahiam estalando nas lages das calçadas. O trovão regougava remoto, afastando-se, assim como um troar amortecido de artilheria que

se retira vencida ou que não ousa aproximar-se. No espaço a negridão da caligem tinha um aspecto ameaçador e terrífico de abysmo.

Era impossível sahir naquella noite. Accendemos os nossos charutos e, estirando-nos em macias pedes de algodão crú, começámos a disreitear sem ruído, até que, a uma pergunta minha, Gustavo respondeu assim como passo a expor, esperando que elle me excusará esta revelação assim como as falhas de minha memoria.

— Vou contar a coisa desde o começo, exordiou elle. A primeira vez em que a vi foi pelo mez de Novembro, já lá se vão cinco annos. Não fiz grande reparo em seus traços physionomicos. Talvez mesmo que, si a encontrasse alguns dias depois, não a reconhecesse, tam curto foi o espaço de tempo em que a tive deante dos olhos e tam pequena foi a impressão que ella me causou. Tenho por isso bem solidas razões, segundo vês, para não dar credito a essas revelações subitas de dois corações irmãos, formados do mesmo bloco de marmore, que se reconhecem ao primeiro encontro, caso commum em romances que já se não lêem.

Eu estava em vespas de viagem para casa, onde ia passar as ferias desse anno, por isso não

tornei a vel-a sinão no anno seguinte, e, então, já foi com outros olhos que a vi.

Havíamos sahido a passeio, eu o Anselmo e o Julio, irmão della, o qual, ao passar pela casa dos paes, deteve-se para que nós cumprimentassemos sna familia. Verdade ou illusão minha, julguei ler no rosto de Arabella uns fugitivos traços de tristeza resignada e, então, senti abrir-se-me o espirito num desses movimentos inconscientes de generosa sympathia que faz interessar-nos pelas almas soffredoras. Hoje eston inclinado a crer que essa não era a realidade; que eu via, não o que effectivamente era, mas o que meu espirito me fazia ver. Nossos sentimentos nos envolvem tantas vezes numa atmosphera de illusões, que já não sabemos, ao certo, distinguir o mundo objectivo e real das creações subjectivas de nosso pensamento.

Por occasião da viagem de que a pouco falei, havia sabido de uma longa historia, que te narrarei de outra vez, e que me fazia olhá-la como duplamente victima, victima de uma paixão um tanto impertinente e victima de uma falsia. Foi provavelmente por ser conhecedor desses factos que suppoz ler-lhe no rosto uma transparencia de tristeza resignada.

A luz aveludada de seus bellos olhos, a expres-

são enternecida e doce de sua physionomia, o tom acariciador de sua voz despertavam sentimentos bons em que se acercava della; por uma especie de irradiação sympathica de seu proprio ser. Vendo-a assim com seu ar de doce morbidez, de ternura e de bondade, tive impetos de dizer-lhe o que sabia; pois sempre doeu-me ver indignamente enganada uma pessoa que está de hõa fé, principalmente si essa pessoa é uma senhora, fraca e indefesa. Mas não era possível fazel-o. A mais comessinha prudencia mandava-me calar.

Não quero dizer-te todas as vezes em que a vi depois; seria levar muito longe esta narração. Falar-te-ei apenas d'aquellas que me deixaram mais duradoura impressão.

Em duas occasiões julguei comprehender que ella não me olhava como pessoa extranha. Não entendas que a minha fatuidade foi a poncto de descobrir nella, desde logo, algum sentimento que, mesmo de longe se parecesse com um começo de amor. Não, nada disso. Apenas me pareceu que ella me considerava como pessoa amiga na accepção trivial da palavra. E sómente isso alegrou-me. Porque? Não é difficil imaginar.

As occasiões a que me refiro foram : um dia em que pela primeira vez almocei com a familia de Ara-

bella, tendo, por isso, occasião de entreter uma conversa mais prolongada ; e outro em que a encontrei lendo, á janella, um romance qualquer, e ella cumprimentou-me com essa affabilidade alegre que, quando é sincera, só a merece uma pessoa estimada. São futilidades, eu convenho, mas que queres? E' dessas nugas insignificantes e amadas que compomos o sacro poema do viver intimo de nossa alma.

Logo depois meu espirito apprehensivo encher-gou um sentimento diverso. Encontramo-nos em umas reuniões familiares, onde si bem que eu lhe merecesse a honra de uma ou outra contradansa; comtudo observei que ella commumente estava compromettida quando eu lhe vinha solicitar uma quadrilha. E' verdade que meu acanhamento provincialo fazia chegar-me a ella sempre um pouco tarde ; não obstante, resolvera commigo não mais importunal-a, quando um incidente, de que não tive conhecimento exacto, obrigou-a a não mais comparecer aos serões dansantes de que estou falando.

Por esse tempo mudou-se a familia de Arabella para um poncto muito afastado daquelle em que eu residia. Minhas visitas que não eram amiudadas na primeira casa, tornaram-se mais raras na segunda ; mas, em compensação passáram a ser muitissimo mais prolongadas. Ainda que não confessasse

a mim mesmo que ella influa poderosamente para que eu frequentasse a casa de seus paes, não podia fazer com que sua lembrança não assomasse, de quando em quando, na tela de meu pensamento:

Durante essas visitas, só duas vezes me lembro de que me dirigisse a ella com intenção mais accentuada de testemunhar-lhe minha sympathia. Foi isso principalmente em certa manhã em que appareci em sua casa e encontrei-a muito pallida, com a physionomia visivelmente doentia, accrescendo que na precedente noite havia notado sua falta no espectáculo da companhia lyrica a que assistira sua familia. Depois, houve uma occasião em que a conversa geral, na sala onde a familia de Arabella costumava receber as pessôas de menos cerimonia, partilhou-se por tal forma que eu fiquei a conversar quasi exclusivamente com ella.

Apezar de uma certa pressão que me impunha, encontrava um encanto enorme em ouvi-la falar, em vel-a, em dirigir-lhe a palavra. Esse meu sentimento de sympathia foi gradualmente augmentando de forma que já não concebía um plano, não formulava um projecto, não sonhava emfim, dormindo ou acordado, sem que ella ali apparcesse como figura saliente.

Foi nessa disposição de espirito que transpor:

teí-me para Olinda, na estação dos banhos; e é bem certo que muito contribuiu para essa minha resolução o ter sabido que naquella cidade iria encontrar a familia de Arabella:

Hoje, revendo esse passado tão próximo a mim é tam cheio de doces recordações, rememorando essas scenas que tam ligeiras fugiram, mas que bem fundo rasgaram um sulco de saudade-indelevel, reconheço que meus pensamentos e meus actos eram então determinados por uma affeição nascente que só pedia um estímulo para lavrá-la vivaz e profunda. tobrindo-me a alma de flôres e a vida de sorrisos.

II

A familia de Arabella estabelecera-se numá alegre vivenda proxima á estação do Cartho, emquanto tu com os meus companheiros de casa nos fomos abrigar numa palhoça rustica dessa praia amena e pittoresca, que extendê-se; salpicada de tugurios, pelo sopé da collina onde persistem os restos gloriosos e lendarios da antiga opulenta capital de Pernambuco: Por traz dos tugurios; vê-se um exteñdal de coqueiros, por cujos espathos o vento, farfalhando, accorda uma doce musica que acalenta o espirito e adormece as paixões. Em noites claras, quando a luz esmae-

cida do luar projecta-lhe as sombras pardas n'alvura nivelada do areial, ou se insinua brandamente por traz de suas palmas erguidas, como que vindo espreitar as palestras entretidas ao relento, é de uma belleza surprehendente o coqueiral da praia olindense, deante do qual estende-se a immensidade inquieta e rugidora do oceano. Ao longe, descobre-se o Recife, a grande cidade cortada de rios e embebida no mar; e, mais ao fundo, o firmamento curvo fecha o horizonte cahindo sobre as aguas por onde deslizam mansamente os navios que vêm de remotas paragens, enquanto, do lado opposto, a vista expraia-se nuna vasta planicie que se alonga interminavel para interior do paiz.

Ahi passámos alguns mezes do mais sereno existir. Os banhos no mar, os passeios á tarde prolongando a praia, a musica e as palestras á noite, faziam o encanto dessas horas felizes que voavam velozes como tudo que nos faz olvidar os agrores da existencia.

No dia seguinte ao de minha chegada em Olanda, estava de pé ao romper da aurora. Ia simplesmente assistir os banhos.

Depois de sorver uns goles de café, tomei o meu chapéo, accendi um cigarro e sahi. Enfrentando com os banhistas em roupas de flanela e já metti-

dos n'agua ou ainda receiosos dos affagos humidos das ondas, principalmente as senhoras, recostei-me a uma cerca arruinada que ficava a certa distancia, temeroso de aproximar-me para não ser tomado por indiscreto.

Todos afinal entraram n'agua, e, nessa occasião, vi Arabella que sentada numa cadeira observava as ondas e os que vinham affrontal-as, bebendo, ao mesmo tempo, o ar saudavel que a brisa da manhã trazia do mar. Como eu, viera apenas olhar.

Ao deparar commigo, chamou-me, risonha, muito affavel. Experimentei nesse momento, um contentamento indizível. Parecia-me que ella já me estimava e que, por isso, me queria perto de si.

Conversamos nem me lembro mais sobre que assumpto. O assumpto não importava. O importante era conversar com ella, ouvil-a principalmente.

III

Um dia, insensivelmente, confessamos que nos queríamos. Foi nas vespervas de sua volta para o Recife.

Eu, porém, fiquei ainda com Anselmo e os outros companheiros. Imagina que dias somnolentos, que tardes insipidamente melancholicas, e que noi-

tes monotonamente vazias de vozes humanas e cheias do ruído persistente do mar esca bujando na praia, sempre com o mesmo estridor, e do vento esfusiando sempre com os mesmos uivos.

Tudo me trazia uma recordação. Cada sitio, cada angulo do terreno, cada planta me falava de Arabella, como que ainda conservava o seu perfume. E eu me comprazia em passar, agora desacompanhado, por aquelles mesmos logares que nos tinham visto junctos; mas, de preferencia, deixava-me ficar sentado no macio tapete que me offercia a fresca e branca areia da praia, alongando a vista sobre o mar onde o sol se ia embebendo aos poucos embrulhado em ouro e purpura. De quando em vez passava um alteroso navio com as velas enfunadas ou, mais perto, uma ligeira falúa, uma jangada, uma barça que nós seguíamos com a vista até desaparecerem na curva do horizonte. Com o cair da noite, recolhia-me á casa onde abria um livro ou simplesmente palestrava com os companheiros. Mas, não raro, adormecia fatigado pela monotonia e pela insipidez.

Um dia recebo um cartão de Julio, o irmão de Arabella, communicando-me que, no proximo vapor, embarcariam para a Europa. E insistia para que eu apparecesse, compromettendo-se elle, apesar dos

atropellos da viagem, a vir jantar comnosco. Examinei a data do cartão que me chegara pelo correio e notei que chegava-me com tres dias de atrazo. Não havia tempo a perder. Vesti-me ás pressas, tomei o primeiro trem, e, dentro em pouco, achava-me no pequeno gabinete tam artisticamente decorado e tam meu conhecido, onde Julio costumava receber os amigos, mas, agora, abandonado e triste como um cenotaphio.

Aquella viagem não me era extranha. Desde alguns mezes era assumpto debatido nas reuniões da familia. Mas os inçommodos aggravados do pae de Julio precipitáram-na algum tanto, e a morosidade, com que transitara, pelas repartições do correio da capital e da cidade visinha, o cartão em que meu amigo fazia-me sciente da resolução definitiva, fizera com que eu chegasse poucas horas depois que haviam deixado a casa aquelles em procura dos quaes viêra a correr.

Disso informou-me o criado particular de Julio que ali permanecia justamente a minha espera, e do qual recebi cartões de despedidas de todos os que partiam, inclusive o de Arabella. Pódes bem avaliar a magoa que me deu um tal acontecimento. Mas, antes de consentir em abater-me por ella, precipitei-me para a Lingueta, metti-me num bote e

mandei remar para o Lamarão, onde o paquete transatlantico balançava-se despedindo para os ares baforadas de fumo negro. Ordenei que remassem com vigor. Sentia uma anciedade suffocante e não comprehendia porque o escaler não voava esfrolando celere o cairel das vagas.

Afinal avisei-me do alto costado escuro do vapor. Não era mais permittido entrar. Haviam já começado as manobras da partida. Mas pude ainda ver Arabella, acenar-lhe as minhas despedidas e, com a minha presença significar-lhe o pezar que tivera por não poder acompanhá-la nem aos seus.

O vapor afastou-se, a principio lentamente, depois mais rapido, foi decrescendo á proporção que se distanciava, esbatendo-se, esfumando-se, balançando sempre os mastros seccos numa ocillação monotona, até que se desfez, como que sumindo-se nas aguas. Só então voltei para casa acubrunhado sob o peso de uma tristeza que tinha resaibos de remorso. Entretanto a consciencia não me accusava de falta alguma.

E não vi mais Arabella depois desse dia.





A morte do passaro

Nunca estivera a jandaia tam alegre. Tinha percorrido toda a casa, soltando pequenos gritos estridulos, roendo, com o bico adunco e ferreo, a extremidade das portas, as juncturas do assoalho, as mesas, as cadeiras, tudo. Descera ao jardim, e a vista das arvores fel-a recor-

dar-se do tempo, em que vivera na espessura da matta, pousando nas ultimas franças de arvores altissimas, e passeiando em bando gárrulo pelo reconhecido das serranias, em busca d'agua fresca ou do arrozal maduro. Mas não tinha muitas saudades de sua vida primitiva, do campo, da amplidão para voar, dos companheiros para a celeuma... Mas não lhe pungia muito o captiveiro... O campo é bello; a floresta é rumurosa e grata, o espaço é illuminado e vasto... Porém tem agruras o viver bravio, um sol que abraza nos sertões, fenecem as arvores fructíferas e seccam as fontes...

E era tam suave a sua vida na imprevidencia de uma domesticidade para simples recreio, passava tam farta, e era tam ternamente affagada... De mais, já sabia amar como uma pessoa, como uma creatura humana. Parecia ter um coração como o nosso, aquelle animalsinho, não o musculo que serve de centro ao systema vascular, mas o coração.orgão do amor, o coração convergencia do sentimento. As vezes, lançava, para a sua senhora, olhares que falavam. Era um dialecto aquelle olhar: dizia tudo, e delicadamente, e nobremente. Mais eloquente que o forte vasconço popular. Si tinha fome, si lhe doia alguma parte do corpo, si lhe causavam magoas,

elle fazia as suas queixas ou exprobrações, dando uma expressão significativa ao olhar.

Nesse dia; seus pequenos olhos castanhos e redondos, scintillavam de alegria. Na janella onde pousara, soprau um vento brando que lhe arrufava as pennas; elle abria as azas verdes com manchas de roxo terra, e tinha gritinhos abafados ao affago daquella volupta.

Viu uma bacia com agua e, traquinhas conio estava, quiz immergir-se naquella immensidade crystallina.

Oh! mas porque todos os passaros não sabem nadar! Quanto não lastimou aquelle não ser palmipede. Oh! sim, que si o fora, não mcrreira daquella sorte.

Quando Haydéa chegou, avisada pelo alvoroço das creanças, já encontrou-o sem vida... Melhor assim do que vel-o nas vascas da agonia, o olhar dolorosamente supplice e tam expressivo que arrancaria lagrimas a quem o visse nesse momento de angustia. Si não tinha de chegar a tempo de salv-o, antes não vel-o arquejar escabujante no traspasso compungente. Parecia ter uma alma o misero!... E talvez a tivesse mais amorosa, mais profundamente affectiva do que muitos exemplares de nossa pretenciosa especie humana.

Tambem, ao contemplal-o, inteiriçado e morto, sem um movimento no corpo leve e mesquinho, sem um raio de luz nos olhos brejeiros, as lagrimas assomáram ás bordas rosadas das palpebras de Haydéa, enpannando-lhe o brilho das negras pupillas. Aquelle passaro era um presente, guardado, com desvelo e carinho, para o noivo que devia chegar dentro em pouco, que já estaria talvez em caminho naquelle infausto momento. Ella os amava tanto, o noivo e a jandaia !...

Silenciosa, alheia de tudo que não fosse a sua tristeza, assistiu, sem ver e sem ouvir, ás honras funebres que as creanças, na sua piedade infantil, commovidas e graves, fizeram á pequenina morta. Afigurava-se-lhe que fenecera ali e ali se enterrára uma das mais rutilas e perfumosas eclosões de sua sensibilidade e que em sua psychê abrira-se um vasio escuro e gelido como um sepulchro.

Porém as creanças voltaram em breve do jardim onde haviam sepultado a jandaia, e derramaram pela casa, em grossas lufadas estrepitosas, a sua alegria sempre renascente, a sua motilidade infatigavel, nas quaes enredou-se e deliu-se a tristeza da jovem.

Passáram-se horas, passaram-se dias, extendendo sobre aquelle acontecimento cançadas de olvido que pareciam impermeaveis.

Uma certa manhã, despertára Haydéa mais cedo, saltára da cama agitada por uma onda de felicidade que lhe embaraçava os movimentos, ataviara-se com esmero mais demorado do que o costumado, e correrá á janella a prescrutar o horizonte que se alongava intermino sobre o mar. E não demourou-se muito em seu exame, porque um vapor ali vinha, pesado e vagoroso, aproximando-se do porto, numa fresca alvorada de inverno intertropical, e dentro daquella massa fluctuante albergava-se o seu promettido esposo tam anciosamente esperado.

Dentro em pouco estava elle em sua presença risonho e feliz como quem põe o pé victorioso sobre a terra da promissão, e ella o recebia prasenteira e contente como quem vê realisado um desses anhelos em que parece que a alma inteira se resume.

Porém, no meio da effusão de seu prazer, os olhos de Haydéa marejaram-se de lagrimas que ella não pode evitar nem esconder, e que não eram absolutamente lagrimas de alegria.

E porque aquelle pranto intempestivo lhe vinha ennuclar a forte alegria, inqueriam todos e, mais afflicto e apprehensivo, o noivo recémchegado. Que sentia-se feliz todos viam ; mas porque misturar os agroses do pranto com os prazeres do riso ?

Haydéa sentia-se envergonhada por ter chora-

do, e fazia esforços visíveis para reþater a impertinencia d'aquelle pranto agourento que lhe viera espreitar, da janella dos olhos luminosos, a festa de jubilos castos com que recebia o futuro esposo. Mas afinal conseguiu vencer-se e, aproximando-se do noivo disse baixinho, enlejada e commovida: Sabes o que me faz chorar, apezar meu, neste instante venturoso em que minha alma afoga-se em gozo? Desculpa esta puerilidade; porém ao sentir-me tam feliz por ver-te juncto a mim, assaltou-me a mente um pensamento escuro e triste. Não exijas que o revele...

Mas, como elle exigiu, ella disse afinal: Lembrei-me de que morreu a pobre jandaia com a qual me occupej tantas vezes em minhas cartas, senti que ella não podesse ver-me satisfeita hoje como viu-me saudosa em tantos dias tristonhos que se passáram na tua ausencia. E, sem querer, e sem poder dominar-me, aþrasaram-se-me os olhos de lagrimas ao recordar-me de que morreu a seis dias, ella tam bõa, tam teña, e que eu te guardava como a confidente de minhas saudades.

Ella gostaria tanto de ver-te...





Trecho de psychologia das plantas



Nunca fui apaixonado pela botânica ; mas, nem por isso, adoro menos as plantas e as flores. Ao contrario, sinto por ellas uma affeição tam profunda que muitas vezes me illudo julgando comprehender-lhes o sentir.

E porque será uma illusão ? Não vivem as plantas como nós, não se movem voluntariamente, não

respiram, não dormem, não se contraem assustadas?

As lianas e todas as trepadeiras se enroscam como serpentes aos colmos e aos troncos das arvores, prendendo as garras de suas gavinhas ás rugosidades que encontram e, muitas vezes, vão, atirando-se de arvore em arvore, formar essas maravilhosas pontes enredidas, de cipó, extendidas sobre as torrentes espumantes e rugidoras. E' que avançam lutando pela vida, em busca do espaço e em busca da nutrição. E não sobem tambem pelo dorso dos cedros e dos ipês, sómente para beberem, avidas, gulosas, a luz do sol que lhes dá a chlorophylla?

Quem viaja, atravez de campos e mattas, por noites claras de luar, comprehende que não é uma expressão despida de senso essa de que a rhetorica vulgar tanto abusou, em certa epocha, e que ainda repetimos hoje por ser uma traducção de factos reaes: — *a natureza inteira dorme*. Não são sómente algumas flôres que retrahem as petalas, fechando, para o somno da noite, a setinosa corolla, onde se encerram, como numa caçoila, as essências puras de que só a natureza sabe o segredo. As arvores mesmas, deixam pender em abandono as frondes, como nós os membros entorpecidos pelo orgasmo somnifero.

E' verdade que algumas flôres, e das mais per-

fumosas, se desatam justamente depois que a noite lhes traz sombra e frescor. Mas essas bellas e fragrantés noctivagas são como as nossas artistas e *cocottes* que, nos palcos ou nas orgias, trocam o dia pela noite. Umas têm o tecido das petalas tam delicado e são tam nevadas que o sol as crestaria num dia, com suas brutalidades de luz; por isso ellas abrem-se á noite, quando as moitas são negras e ellas põem nodoas de alvura na tristeza das sombras.

A vergonhosa timidez da sensitiva, a mimosa pudica, é muito conhecida. Mas os nossos sertanejos encontram não sei que razão para desconfiarem da innocencia da planta arisca, e chamam-na pelo nome de *malícia*. Notaram, por certo, que havia um que de dengosa momice feminil nesse retrahimento da interessante mimosea.

Não podemos, á vista destes factos, recusar uma alma ás plantas, sem intelligencia talvez, mas onde a emotividade e a volicionalidade se manifestam clara e communicativamente.

Pelo colorido energico ou delicado, pelo aroma subtil ou activo das flôres que se embalam ao soprc da viração, como estrellas moveis scintillando no verde tapiz dos prados ou no escuro manto dos bosques, podemos determinar-lhes o character. Desde os tempos mais antigos que essa observação tem

sido inconscientemente feita pelo povo que vê, na rosa, por exemplo, o typo da ufania de quem se exalta com o proprio valor, na violeta, o emblema da modestia, no goivo o symbolo da saudade e da melancholia. E' tambem por esse motivo que se dá a predilecção, de certas pessôas, por determinadas flôres, e que a outras ligamos, por associação de idéas, a recordação de um facto ou de um individuo. Devemos, finalmente, reconhecer que existe ahi certa irradiação de um biomagnetismo particular, fecundo em reacções sympathicas e das quaes hão de certamente tirar proveito. Durand de Gros e outros perscrutadores das maravilhas em que é prodiga a natureza.

Não quero falar das tulipas que tantas loucuras produziram em certa epocha, e que bom pasculo forneceram a mais de um novellista. Nem farei cabedal desse producto mysterioso e feerico de hybridismo, encontrado por Seraphitus entre as saxifrágeas de um fjord scandinavo o qual, sob a fé de Balzac, sabemos que eram «estrellas brancas debruadas por um fio de ouro, de cujo seio emergiam antheras purpureadas, sem pistillos», e que expargiam um odor fugaz e selvagem entre o da rosa e o da laranjeira. Não recorrerei a essas exquisitices raras. Mas lembro que a Duplessis era doida pelas carne

lias, de tal forma que Dumas filho, expendendo-lhe a biographia romanticada, deu-lhe o nome característico de *Dame aux camélias*. E, collocando-me no puro terreno da vida real e chilra que todos vivemos, recordo que o poeta, folklorista e critico maranhense, Celso de Magalhães, tinha uma predilecção tam pronunciada por certa flôr gamopetála de côr rubra que, em S. Luiz, a denominam, ainda hoje, pelo nome do infeliz e talentoso moço.

Ninguém pôde ver essa merencoria e incdora flôr baptisada pelo nome antipathico de *mal-me-quer*, sem que se recorde da innocente Margarida, que a desfolhava, gracil e innocente, para saber si era amada por seu querido Fausto, e a quem o sabião dizia, entre ironico e sincero :

Consultas a Deus na flôr?

Na flôr creio eu tambem.

É o *mal-me-quer*, ou seja o pallido e desmaiado dos nossos campos ou seja o escarlata ou o violáceo da China, desperta-nos sempre um sentimento de vaga melancholia. E não pelas virtudes fatidicas que lhe attribuem, mas pelo pezar intimo e ingenuo que delle se desprende.

○ *myosotis*, com a delicadeza suavissima do seu

colorido, desperta -nos sentimentos de ternura e doce afeição. Deante de um canteiro recoberto por essas graciosas *bijouteries* da natureza, comprehendemos porque o *Não te esqueças de mim* de José de Alencar é o mais mimoso conto que já se escreveu em lingua portugueza, e sentimos toda a poesia dos conhecidos versos de Musset.

Não me seduz a flor do *maracujá*, não obstante os mysterios que a crença popular lhe descobre no regaço, e a despeito das bellas oitavas de Varella.

E' por certo uma questão de temperamento, porque, sem duvida alguma, o perfume, a cor e a forma actuam segundo o temperamento de cada individuo. Assim é que o odor da *magnolia* produz uma sensação dulcissima em alguns, e, para outras, é completamente inexpressivo.

Para certos espiritos, o *heliotropio* é um perfume sensual, para certos outros é um aroma até desagradavel.

Não é preciso passar agora em revista todas as flores com seus perfumes, todas as plantas com suas peculiaridades. Peço, porém, a todos, e principalmente ás mulheres que são dotada de mais aguçada sensibilidade, que procurem verificar por si o que lhes affirmo eu, neste momento: — as plantas possuem uma alma que se revela particularmente na

tincta, no recorte, na maciez de suas flores e, ainda mais, na qualidade de seu perfume.

E deve ser assim, porque as plantas se enfloram quando amam, quando sentem em si aquella agitação das gerações futuras de que nos fala Mme. Ackermann.





A Flor da Tuberosa

Era uma flor como nunca vi outra. Não é que fosse maior, nem mais nevada, nem mais perfumosa do que as suas congeneres. Mas é que, no recorte das petalas, no engaste dos sepalos atrophiados, e no proprio aroma,

havia alguma cousa de peculiar, de individual, que a distinguia, de todas, ao primeiro lance de olhos.

Não pude bem explicar esse phenomeno, poréni muitas vezes elle me provocou longos scismares, demoradas cogitações. Pensei, muitas vezes, no pantheismo e imaginei que podia bem ser aquella flor uma das valvulas poderosas por onde a essencia divina immanente no universo achava 'mais grato manifestar-se. Mas si o pantheismo é um desvario religioso, podemos negar, em absoluto, que a materia seja animada de uma vida propria, que o hylozoismo seja a verdade primordial, mas intangivel, a grandiosa realidade que se esconde eternamente sob a enganosa apparencia dos factos que nos impedem de ver por traz delles a força que os move? E, si for assim, porque se condensará maior e melhor porção de vida na substancia nervosa de nosso encephalo do que nos tecidos delicados d'uma flor?

Certa philosophia nos diz que não conhecemos das cousas sinão a feição pela qual ellas nos affectam, apparencias mudaveis, insubsistentes, a que deve corresponder uma substancia que nos escapa eternamente, embora a possamos sentir palpitar sob as evolutas interminaveis das eternas metaboles do universo. E, antes que os occidentaes concebesssem esse modo grandioso e profundo de interpretar a na-

tureza, já na India elle se impunha á generalidade dos espiritos pensantes, sob a denominação de Mahamaya, perpetua illusão, phantasmagoria irreductivel que envolve e esconde a verdade inacessivel para nós, e que sómente as intelligencias privilegiadas podem suspeitar. Neste pensamento elevado e commovente se põem de accordo os sectarios da religião brahmanica e os da religião buddhista.

E, si for assim, si esta for a verdade suprema de uma concepção do mundo que se approxima da realidade, que mysterios inexgottaveis e intraduziveis mesmo no gener dos ventos, no scintillar dos astros, no colorido das flores, na inconstancia das nuvens que se esgarçam ou se condensam no espaço por cima de nossas cabeças?

Taes pensamentos e muitos outros ainda agitavam se em meu espirito, tomavam vôo, em tumulto, confundiam-se, desappareciam e depois voltavam, como os pomibos que esvoaçam em torno do pombal amigo, sahindo com um fragor de azas e voltando em seguida mais placidos, para visitarem os ninhos tepidos que lá ficaram.

Mas deixemos esses pensamentos e falemos da flor que os suscitou.

Eu gostava muito de vê-la, com suas longas petalas muito alvas, pendida na haste esguia, numa

curva tristissima, como quem já perdeu as esperanças e as ambições, sempre aljofrada de limpidas gottas de orvalho, que tinham, no branco assetinado de sua corôla, a profunda tristeza de uma lagrima humana.

Nascera a planta na fenda de um rochedo escarpado, sem vegetação, açoitado cruamente pelo sol. Ahi, isolada como ella, tambem desabrochara a flor, a unica que jamais produzira, que lhe exgotara todas as energias, — a branca flor que eu amara, a mimosa angelica.

Lambendo, como um cão humilde, o pé do alcantil, deslisava um tenue fio d'agua crystallina e murmurosa, que, aos raios do sol, tinha scintillações metalicas, de um brilho aspero, vivissimo.

E a meiga flor abandonada, no peçadume da dor intinta que a consumia, inclinava-se para a agua, como si a dormitasse um pensamento suicida.

Que fundo pezar minaria a fragil existencia daquella misera e bella flor? Como parecia soffredora! Porque exilada do jardim, ali vicra expandir a vida mesquinha?...

Eu a amava mais assim...

Transparecia-lhe do todo um intimo desgosto e eu sentia que a amava mais por vel-a infeliz.

Um dia desprendida do caule, cahiu n'agua a

branca flor. Um lampejo de alegria illuminou-a então... Ou talvez fosse um raio de sol que se insinuara por entre suas petalas. Mas é certo que ellas se animaram num gozo de vida mais alegre, e a flor desceu vagarosamente o curso do regato, boiando venturosa á flor das aguas.

Além, muito além, mimosa a mão de moça a colheu.

« Vou viver feliz, dizia baixinho a flor, palpitando entre os dedos rosados. Mais vale um momento aqui entre estes dedos setinosos ou ao calor do seio desta virgem tam bella do que uma vida inteira no isolamento d'aquelle durissimo rochedo. »

A moça apanhou-a, mirou-a, aspirou-lhe o perfume, e, depois, esmagou-a entre os dedos dizendo : « está murcha, é pena. » E seguiu seu caminho, sem mais lembrar-se da misera.

Dias depois eu fui visitar, como tinha por habito, minha velha amiga, a planta. Já amarelescendo as folhas, ia morrendo lentamente sem poder soltar um queixume que eu entendesse. Deve ser dilacerantemente triste a magoa que se amordaça no silencio...

Inclinada ainda sobre o pequeno arco, olhando insistentemente para o logar onde cahira a flor, a unica que jamais produzira, que lhe exgottara to-

das as energias, parecia interrogar por ella, com a dor funda e hallucinante da mãe a quem morreu a filha.

Em torno, a natureza era muda e fria; e o regato descia murmurando por entre as lajes, como a rir.





No album de Amelia

Para deixar alguma cousa escripta neste album, mas alguma cousa digna delle com suas paginas nevadas, e dignas de quem o possue, quizera que, as *graças*, apezar da rude era de realismo e prosa charra em que vivemos, troussen-me, por tinteiro, a nacarada concha de uma

rosa onde se tivesse aninhado uma gotta perfumada de orvalho matutino, e, por penna, a que arrancassem das alvas remiges de um cysne.

Assim talvez escoasse-me da penna, em perolas diluidas, umas palavras menos toscas.

Na impossibilidade em que estou de ver realiado esse meu desejo, vou muito chãmente, com as muito mundanas pennas de *Pery* e a vulgarissima tinta *blue-black*, dizer-te umas phrases sem arrebiques, porém tam sinceras e verdadeiras quanto me é possivel fabrical-as.

Dizem que o homein é a força, a intelligencia, a razão; que a mulher é a graça, a belleza, o sentimento.

Para onde pende a balança? Para o nosso lado? Não, mil vezes não! A força no homem é grosseria, é rudeza; a verdadeira força, a que torce todas as vontades, é a graça feminil; a verdadeira força, a que sugere os grandes commettimentos, a que retempera as coragens desfallecidas, a que sustem a perseverança do trabalho, está no sentimento, esse perume vivificante que constantemente, inexgottavelmente, se desprende do coração feminino.

Si o mundo se aperfeiçôa em seu evoluir, os aperfeiçoamentos que elle realisa falam bem alto em pró da inferioridade masculina.

A principio, nos duros tempos da selvageria humana, a mulher supportava, em seus hombros frageis, a parte mais pesada e difficil dos encargos da vida; com o correr dos tempos, ella teve energia sufficiente para impor-se ao homem, forçando-o a tractal-a como equal, arrancando, dos mais sinceros e melhor dotados, dedicações, defezas e mesmo um culto.

Lembremo-nos de S. Mill, o grande philosopho inglez, que confessava publicamente dever, á sua mulher, a parte melhor de seus trabalhos.

Lembremo-nos de A. Comte com sua idolatria por Clotilde Vaux, com sua *religião da humanidade*, que é uma deificação da mulher.

Demais a mulher tem consigo um dom que vale por todos os esforços do homem; melhor que os aniquila todos, — a belleza. « Em comparação com ella, diz Renan, o talento, o genio, a propria virtude nada valem, de sorte que a mulher verdadeiramente bella tem o direito de desdenhar de tudo, porque reune, não em uma producção exterior, mas em si mesma, como em um vaso de myrrha, tudo que o genio custosamente esboça em traços vacillantes, por meio de uma reflexão fatigante.

Nós trabalhamos mourejamos, deixamos, pelos agros caminhos da existencia, rastilhos de sangue,

farrapos de nós mesmos, em procura de um ideal que nos foge; a mulher ri-se de nossa incapacidade e sem esforço, sem lucta, tem no coração preso o seu ideal.

O homem leva noites mal dormidas e dias sem repouso para descobrir uma idéa, um pensamento que modifique a concepção do mundo, mas lucta em balde quasi sempre.

A mulher, sem preoccupar-se com tal, encontra as grandes idéas, porque é bem verdade virem ellas do coração, e consegue modificações nas opiniões que repousam sobre os sentimentos.

Ocioso seria mais discorrer.

A balança pende para o lado da mulher.

Convenhamos em nossa inferioridade.

FIM.

INDICE

	PAGS.
AO LEITOR.....	7
ANGELINA.. ..	13
LALIE.....	57
MILOCA	63
NA HELLENIA.....	69
UM SALTEADOR NOCTURNO	83
NARRATIVA	91
A MORTE DO PASSARO.....	103
TRECHO DE PSYCHOLOGIA DAS PLANTAS.....	109
A FLOR DA TUBEROSA.....	117
NO ALBUM DE AMELIA	123

PRO ERRATIS

Deixa o auctor de fazer uma errata a este livro porque não teve coragem para o ler, depois de impresso. Não quer desfazer a illusão de que obteve uma impressão expurgada de erros typographicos. Nem o leitor necessita de saber, de ante mão, da existencia desses erros que trariam dissabores ao escriptor e ao cômpositor, sem real vantagem para quem quer que seja. E' preferivel suppor que elles não existem.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).